

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

O CARÁCTER PROBLEMÁTICO DOS “TRABALHOS DE
CASA”

Estudo de caso numa turma de 3.º ano do Ensino Básico

Ana Filipa Lourenço de Oliveira Vaz

Relatório final realizado no âmbito da Área
Científica de Investigação em Educação
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico
Orientador – Doutor António Montiel

Ano letivo 2012/2013

Lisboa

Abril 2013

Agradecimentos

O presente trabalho não podia ter sido realizado sem o apoio e colaboração de certas pessoas.

Por esse motivo quero agradecer:

- Ao Professor Doutor António Montiel por me ter orientado e ajudado na elaboração deste relatório;

- À Professora Luísa Toscano que me acompanhou, orientou e apoio no estágio;

- A todos os professores, que de uma maneira geral, contribuíram para a minha formação;

- Aos meus pais pela educação que me proporcionaram e por sempre acreditarem nas minhas capacidades e sempre me apoiarem em todas as minhas decisões;

- À minha irmã por me servir de exemplo em nunca desistir dos meus objetivos e lutar sempre para conseguir aquilo que quero;

- Aos meus avós pelo apoio e incentivos.

- Aos meus amigos Sara, Tiago, Joana, Débora, Ricardo, Rita e Diogo pelo apoio e pelos momentos de descontração;

- À Patrícia que me apoio durante os três anos de licenciatura se tornou uma excelente amiga;

- À Joana e Catarina que me acompanharam neste último ano de mestrado e que me apoiaram nos estudos e nos estágios;

- Ao meu namorado Diogo pela paciência, calma e compreensão.

Agradeço também a todas as pessoas que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. De um modo geral todas estas pessoas contribuíram de forma positiva para terminar esta etapa.

Resumo:

Este trabalho parte da constatação de divergências de opinião em relação à marcação de trabalhos para casa, aos alunos. Para identificar os pontos de discórdia, foram abordados os principais elementos que os definem: que são; os seus protagonistas, quando e como se realizam e para que é que servem.

Com base nesses elementos, foram entrevistadas duas pessoas com opiniões opostas sobre os trabalhos para casa. Em concreto, a Diretora Pedagógica e o Professor Titular de uma turma da mesma instituição.

O estudo revela que a divergência sobre os trabalhos para casa não reside no valor das atividades escolares além das aulas, como estratégia de aprendizagem em alunos do ensino básico. As divergências situam-se mais em elementos não essenciais do trabalho para casa: o local (ser em casa ou noutra lugar) e o tempo (para evitar inconvenientes em relação a períodos de descanso de pais e crianças).

Palavras-chave: Trabalhos para casa; professor; criança; pais; aprendizagem; escolaridade

Abstrat:

This work starts with the observation of differences of opinion with respect to the marking of home work, students. To identify the points of contention, were addressed the main elements that define: who are; its protagonists, when and how to perform and for that they serve.

On the basis of these elements, were interviewed two people with opposing views on the home work. In concrete terms, the Educational Director and the teacher of the same institution.

The study reveals that the divergence on the work to home is not worth of school activities in addition to the classes as a strategy of learning in the elementary school students. The differences are more in non-essential elements of the home work: the location (be at home or elsewhere) and the time (to avoid disadvantages in relation to periods of rest of parents and children).

Key-words: Homework; teachers; child; parents; learning; schooling

Índice

INTRODUÇÃO	1
1- Contextualização do campo de estágio	1
2- Caracterização da turma	2
3- O meu percurso formativo	4
4- Razões justificativas da escolha do tema	4
a) A sua projeção no debate público	5
b) A sua presença ao longo da história	8
c) A sua marcada presença na instituição onde realizei o estágio	9
d) A nítida divergência entre a Diretora Pedagógica e o Professor titular de turma	10
5- A pergunta	13
CAPÍTULO 1 – QUADRO TEÓRICO	16
1- Os parâmetros que definem os trabalhos para casa	16
2 - O parâmetro essencial dos trabalhos para casa: O que são?	19
3 - O parâmetro dos protagonismos: Quem os protagoniza?	21
4 - O parâmetro do espaço: Quando e como?	27
5 - O parâmetro da definição: Para quê?	29
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	33
1- Uma Investigação Qualitativa	33
2- Estudo de Caso	34
3- As Entrevistas Semiestruturadas	35
4- As Perguntas da Entrevista.....	37
5- As Grelhas de Observação.....	45
CAPÍTULO 3- ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS.....	48
1- Os protocolos das entrevistas realizadas	48
2 - A pergunta inicial:	49

2.A - Respostas:.....	49
2.B - Pergunta plus.....	50
3 - Pergunta A.1:	51
3.A – Resposta	51
3.B - Pergunta Plus:.....	51
4 - Pergunta A.2:	51
4.A - Respostas:.....	51
4.B - Pergunta plus:.....	52
5 – Pergunta B.1:.....	52
5.A - Respostas:.....	52
5.B - Pergunta plus:.....	52
6 – Pergunta B.2:.....	53
6.A - Respostas:.....	54
6.B – Pergunta Plus	54
7 - Pergunta B.3:	55
7.A – Resposta	55
7.B - Pergunta plus:.....	55
8- Pergunta B.4:	56
8.A - Resposta:	56
6.B - Pergunta Plus:.....	56
9– Pergunta 5.....	57
10 - Análise interpretativa.....	57
10.A - Pergunta inicial:	58
10.B - Perguntas A.1 e B.2:.....	58
10.C - Perguntas A.2 e B.1:.....	59
10.D - Pergunta B.3.....	60

10.E - Pergunta B.4	60
10.F - Pergunta 5	60
11- Grelhas	61
12 – Análise das tabelas	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
BIBLIOGRAFIA.....	72
Legislação	73
Netgrafia	73

Anexos

- (Anexo 1) Informe sobre “Las Tareas Escolares”
- (Anexo2) Reportagem cresce oposição aos TPC – notícia – RTP
- (Anexo 3) Tabelas de observação
- (Anexo 4) Grelhas de observação
- (Anexo 5) Guião da entrevista
- (Anexo 6) Protocolo da entrevista à Diretora Pedagógica
- (Anexo 7) Protocolo da entrevista ao Professor titular de turma
- (Anexo 8) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 1
- (Anexo 9) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 2
- (Anexo 10) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 1

LISTA DE ABREVIATURAS

DP – Diretora Pedagógica

PTT – Professor Titular de Turma

EE1 – Encarregado de educação 1

EE2 – Encarregado de Educação 2

EE3 – Encarregado de Educação 3

INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular prática de ensino supervisionada, estagiei durante três meses numa pequena escola privada próxima de Lisboa, em concreto, numa turma de 3.º ano do ensino básico. Como será possível compreender mais tarde, este estágio suscitou a minha reflexão sobre os trabalhos de casa e deu o tema para a realização do presente relatório de Mestrado.

Nesta introdução irei contextualizar o campo de estágio, a sala onde estagiei e um pouco do meu percurso formativo. Além disso, tentarei justificar a escolha do tema e formular as perguntas que nos propomos futuramente vir a responder.

1- Contextualização do campo de estágio

A Escola de estágio é uma instituição que se preocupa com a segurança, o bem-estar das crianças e com o bem-estar dos pais. Assim, a instituição está aberta das 7:30 às 20:00, de modo que os pais que trabalham até mais tarde, possam deixar os filhos na instituição, sem preocupações. Segundo o projeto educativo 2009/2014 esta instituição tem os objetivos que a seguir são transcritos:

- Proporcionar aos alunos as condições necessárias para desenvolverem todos os aspetos da sua personalidade;

- Proporcionar aos pais e encarregados de educação um serviço de qualidade que lhes possa facilitar, (...), o seu dia-a-dia;

- Proporcionar a toda a comunidade escolar um ambiente de trabalho motivador e de entre ajuda capaz de permitir um dia a dia tranquilo e propiciador de todas as aprendizagens e de todos os afetos.

A instituição abriu em 2005. Em 2009 mudou de instalações e tem atualmente capacidade para acolher 240 alunos e 35 colaboradores. Integra as valências de creche, jardim-de-infância, 1.º ciclo do Ensino Básico e 2.º ciclo do ensino básico.

A elevada preocupação da escola com a segurança e saúde manifesta-se por exemplo, nos seguintes aspetos:

- As instalações são protegidas 24 horas por dia com câmaras de vídeo instaladas;
- Tem saídas de emergência e proteções contra incêndios;
- Preocupa-se por promover hábitos de higiene aos alunos de forma rotineira;
- Tem técnicos próprios de saúde, como médico, psicólogo e terapeuta da fala, entre outros.

Finalmente, a Escola mostra-se sempre próxima dos encarregados de educação, que são convidados a participar nas atividades escolares dos filhos.

2- Caracterização da turma

A turma de 3.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico onde decorreu o estágio é constituída por 22 alunos (10 raparigas e 12 rapazes), todos com oito anos de idade cumpridos até 31 de dezembro de 2012.

A maioria dos alunos da turma (16 dos 22) está junta desde o 1.º ano, sendo que apenas neste 3.º ano é que entraram os restantes seis alunos novos. Todas as crianças da turma tinham frequentado previamente Jardim de Infância em diferentes instituições, com a exceção da criança que referiremos a seguir.

Na turma existem alguns casos de alunos com Necessidades Educativas Especiais e com falta de concentração nas aulas:

- Uma criança em que foi diagnosticado Autismo e está referenciada com Necessidades Educativas Especiais. Está muito bem integrada na turma (segundo a opinião do professor da turma) e é acompanhada por uma professora do ensino especial e, desde os três anos por uma psicóloga e por um terapeuta da fala.

- Um outro aluno tem um nível de desempenho baixo. O professor titular referiu que é uma criança demasiado protegida pelos pais e que até aos cinco anos raramente saiu de casa. Aliás, é a única criança que não frequentou o jardim-de-infância. Quando entrou no primeiro ciclo do ensino básico desconhecia totalmente objetos do quotidiano como por exemplo um escorrega.

- Existe um terceiro aluno com nível de desempenho baixo, que dificilmente se concentra nas atividades propostas e perturba a turma.

Pelas razões apresentadas, vemos que é uma turma heterogénea, com alunos de diferentes níveis de desempenho.

O professor acompanha a turma desde o 1º ano do Ensino Básico e utiliza diversas estratégias para orientar o grupo e fomentar a aquisição de novos conhecimentos. A título de exemplo:

- As mesas dos alunos estão dispostas em U para que todos os alunos se vejam e sejam vistos pelo professor titular;

- Além disto, o professor distribui os alunos de maneira a que os que têm um desempenho menor fiquem ao lado dos alunos com maior facilidade de aprendizagem.

O professor justifica estas opções porque julga que esta estratégia fomenta a entreajuda, criando um clima de cooperação entre colegas.

3- O meu percurso formativo

Durante todo o meu percurso académico no ensino superior sempre pensei em tirar as duas valências (educação pré-escolar e ensino do primeiro ciclo do ensino básico) porque, na minha opinião, é importante aproximar a formação dos educadores e a dos professores do primeiro ciclo do ensino básico. De facto, acredito que os educadores beneficiarão com uma maior ligação ao primeiro ciclo, e os professores poderão lucrar com a afetividade e a proximidade às crianças que é tão viva no pré-escolar.

O tempo de estágio a que me venho a referir deu-me a oportunidade de experienciar e observar a vida de um professor do primeiro ciclo do ensino básico e as crianças com que trabalha. Esta experiência foi importante para me aperceber da minha afinidade com a profissão e da minha preocupação com a educação das crianças e o seu bem-estar.

Além disso foi neste contexto que surgiu a pergunta que me irá ocupar neste relatório de estágio.

4- Razões justificativas da escolha do tema

Antes de avançarmos para a formulação de uma pergunta inicial de investigação, iremos apresentar os três motivos que, fruto da análise exploratória, reforçaram a importância do tema selecionado:

- a) A sua projeção no debate público;
- b) A sua presença ao longo da história;
- c) A sua marcada atualidade na instituição onde realizei o meu estágio;
- d) A nítida divergência entre a Diretora Pedagógica e o Professor titular de turma.

a) A sua projeção no debate público

A projeção do tema dos trabalhos para casa no debate público pode ser reconhecida se atendermos, por um lado, ao facto de ser objeto de regulamentação e legislação; se, por outro lado, consultarmos a leitura científica produzida sobre este tema; e se, finalmente, demos ouvidos aos ecos que o tema suscita na opinião pública.

Com efeito a consulta do trabalho de Pires (2012) sobre “os trabalhos de casa no 1º ciclo do ensino básico – a visão das crianças e dos pais” alerta para o facto de os trabalhos de casa serem objeto de diversa regulamentação em alguns países:

- Nos EUA, mais propriamente em Piscataway, New Jersey, foram retirados os trabalhos de casa. Esta decisão foi bem recebida por parte dos alunos, pais e sindicatos.
- A Finlândia, Dinamarca, Luxemburgo, França, Grécia e alguns estados federais alemães têm regulamentação sobre os trabalhos de casa. Estes países reduziram os trabalhos de casa e em alguns casos proibiram-nos.
- Na Bélgica, a ministra da educação tentou abolir os trabalhos de casa mas tal não foi possível porque alguns pais e partidos se opuseram. No entanto ficou estipulado que as crianças do 1º ciclo só podiam dedicar 20 minutos diários aos trabalhos de casa.

Por sua vez, a consulta bibliográfica também revela que é um tema frequente na investigação educativa em geral e também em Portugal. A título de exemplo, referindo-nos apenas a publicações em português, podemos assinalar os artigos seguintes:

- “Os trabalhos de casa no 1º ciclo do ensino básico – a visão das crianças e dos pais” (Pires, 2012);

- “Etapas processuais do trabalho de casa e efeitos autorregulatórios na aprendizagem do inglês” (Silva, 2009);
- “Entre escolas e famílias: Revelações dos deveres de casa” (Resende,2008);
- “Trabalho de casa, autoeficácia e rendimento em Matemática” (Rosário, Baldaque, et al, 2008);
- “Os trabalhos de casa na escola do 1.º ciclo da luz: estudo de caso” (Henriques, 2006);
- “Trabalho de casa, tarefas escolares, autorregulação e envolvimento parental” (Rosário, Soares, et al, 2005).
- “Pais e Escolas parceria para o sucesso – Os trabalhos para casa: da difícil fronteira entre a escola e família” (Pinto,2003).
- “Os Trabalhos de Casa, Lisboa: Editorial Presença”. (Meirieu,1995).

Finalmente, também a opinião pública dá eco às controvérsias sobre trabalhos de casa, aquém e além fronteiras. A título de exemplo podemos enumerar os seguintes espaços jornalísticos:

- O jornal português “Público”, em artigo publicado no dia 8 de março de 2012, dedicou três páginas sob o título “Pais e investigadores dividem-se quanto à importância dos TPC”.

- A revista espanhola “Aula de Innovación Educativa”, em artigo publicado em outubro de 2004, dedicou duas páginas sob o título “Los Deberes Escolares”.

- O diário espanhol “ABC”, em artigo publicado no dia 21 de dezembro de 2012, dedicou quatro páginas ao tema “Europa sí hace deberes”. Já antes, no dia 15 de abril de 2012, o mesmo jornal dedicou duas páginas a um artigo com o título “En defensa de los deberes escolares”.

A pesquisa levou-me também ao conhecimento de um documento que julguei muito expressivo do impacto do debate público sobre os trabalhos de casa nas Instituições Governamentais. Refiro-me ao “informe sobre “las tareas escolares”, de 21 de junho de 2011, publicado no *Consejo Escolar de Navarra* (ver anexo 1). Trata-se de um informe que se realizou porque os pais estavam preocupados quanto à realização dos trabalhos de casa fora do horário escolar. Posto isto, a 18 de novembro de 2010, o *Defensor del Pueblo* de Navarra enviou uma carta ao *Consejero de Educación e Presidenta del Consejo* escolar de Navarra onde apresentava as preocupações dos pais. Na carta o *Defensor del Pueblo* dizia que iria propor um debate social para verificar o impacto dos trabalhos de casa prescritos pelos professores na vida das crianças. Assim, chegou-se à elaboração de um texto para debate onde são enumerados alguns pontos positivos e negativos dos trabalhos de casa e onde se formulam as finalidades e as características dos trabalhos de casa.

Em Portugal, como Pires (2012) refere, não existe nenhuma legislação para os trabalhos de casa. Por esta razão cabe aos professores e aos pais decidirem quais os trabalhos que as crianças realizam em casa. Aliás, como refere Hernandez, Martinez, Riseño (2002) no artigo “Deberes escolares – la pequeña história de los deberes. Y, en Europa qué?”, na União Europeia não existe qualquer critério adotado quanto aos trabalhos de casa e, por essa razão, fica à livre consideração dos

Ministérios e das diferentes instituições a regulamentação sobre este assunto.

No entanto podemos constatar que, no artigo 20.º da secção VI da parte C do Ministério da Educação publicado no Diário da República no dia 6 de dezembro de 2012, diz-se que os trabalhos de casa facilitam o sucesso escolar e, por isso, propõe que se realizem para reforçar o apoio das diversas disciplinas, nomeadamente do Português e da Matemática. Isto é, se em Portugal não há uma regulamentação que proíba ou obrigue, há, pelo menos, uma indicação no sentido de que não estará plenamente proibido e que, de algum modo, até é aconselhável.

b) A sua presença ao longo da história

A leitura do artigo “Deberes escolares – la pequeña história de los deberes. Y, en Europa qué?” escrito por Hernandez, Martinez, Riseño (2002), sugere-nos a ideia de que o debate dos trabalhos de casa é controverso e que é uma controvérsia que vem de longe. Sem nos determos em aprofundar os dados, referimo-nos às seguintes indicações históricas oferecidas no citado artigo:

- No século XIX, a maior parte das famílias não entendia a importância das tarefas escolares, que frequentemente consistia em exercícios memorísticos. Aliás, os pais podiam julgar que estas atividades eram até prejudiciais pois provocariam danos à saúde das crianças e as impediam de brincar ao ar livre.

- Durante a primeira metade do século XX, as teorias em voga sugeriam que os trabalhos de casa condicionavam a forma como as crianças aproveitavam o seu tempo livre. Ao longo do tempo, o significado de trabalho de casa foi-se alterando e, na década dos 30, julgava-se que este trabalho devia ser realizado na escola com a supervisão do professor, com um ambiente apropriado para estudar. Esta

ideia conduziu a um aumento do horário escolar que dava às crianças mais tempo livre em casa para realizar outras tarefas.

- Na segunda metade do século XX, mais propriamente nos anos 50, houve uma redução dos trabalhos que eram mandados para casa. Nos anos 60 e 70 os pais começaram a defender que as crianças, depois de um dia inteiro na escola, estavam muito cansadas para realizar trabalhos de casa. Além disso, esses trabalhos colocavam tensões na vida familiar. Na década seguinte os trabalhos de casa tiveram um maior reconhecimento porque começou-se a pensar na sobrevivência económica e que a escola ajudaria nesse sentido. Por esta razão, os trabalhos de casa são aumentados. A oposição dizia que os trabalhos de casa continuavam a ser um problema para a família e não deixavam tempos livres para as crianças.

- Na década de 90 estipulou-se que um aluno do secundário só podia passar uma hora e meia a realizar os trabalhos de casa.

c) A sua marcada presença na instituição onde realizei o estágio

Como foi avançado no início deste capítulo, a reflexão sobre o tema dos trabalhos para casa surgiu da minha necessidade de entender o ênfase que lhe era dado pela direção pedagógica da instituição onde realizei o meu estágio.

Com efeito o colégio onde realizei o meu estágio faz como bandeira da sua opção de não mandar trabalhos de casa às crianças. Tanto é assim que a televisão pública portuguesa dedicou uma reportagem no jornal da noite, em horário nobre, ao assunto.

Como se pode constatar na transcrição da peça jornalística em anexo 2, a reportagem incluía uma entrevista à diretora pedagógica em que defende a importância de as crianças não levarem trabalhos para casa.

Por sua vez, o professor titular da turma onde realizei o meu estágio surge também na reportagem televisiva reforçando as palavras da diretora pedagógica e explicando que as crianças que precisam de realizar trabalhos ou de se prepararem para os exames, têm um tempo de estudo acompanhado que os dispensa de fazerem trabalhos em casa.

d) A nítida divergência entre a Diretora Pedagógica e o Professor titular de turma

Ainda que, na reportagem, a Diretora Pedagógica e o Professor da turma se tenham mostrado em sintonia a verdade é que existe uma nítida divergência entre a opinião da diretora pedagógica e o professor titular da turma onde estagiei relativamente aos trabalhos para casa. Este é, pois, motivo que despertou a minha curiosidade.

- A diretora pedagógica é contra os trabalhos de casa e, por isso, não são mandados aos alunos pelos professores da instituição.

A Diretora Pedagógica da instituição é professora do segundo ciclo do ensino básico há quarenta anos. Por esta razão tem alguma experiência na educação. A nível pessoal a Diretora está na casa do 50 anos de idade é casada e tem três filhos e quatro netos.

A escola oferece às crianças um tempo extra letivo onde podem estudar e realizar tarefas de aula em atraso com a supervisão de um profissional da educação.

Segundo o *site* da instituição o estudo acompanhado serve para os alunos se tornarem “autónomos no seu estudo”, assim adquirem “hábitos de estudo regulares, de forma independente”.

Na sala onde realizei o meu estágio, o estudo acompanhado era sempre à tarde. O estudo acompanhado nem sempre é supervisionado pelo professor titular da turma, mas sim por outros professores.

Neste tempo, muitas vezes, o professor aproveitava para relembrar conteúdos abordados no tempo letivo e outras vezes para introduzir conteúdos novos.

- Por sua vez, o professor titular de turma é a favor dos trabalhos de casa e todos os fins de semana prescreve atividades para as crianças fazerem em casa. Estes trabalhos são mandados por e-mail.

O professor tem 25 anos de idade, é casado, não tem filhos, e é a primeira vez que está a lecionar o terceiro ano. Quer isto dizer, que o professor começou a sua carreira profissional com esta turma.

Na sala do 3º ano do primeiro ciclo do ensino básico onde estagiei havia uma prática diferente das outras turmas da instituição. Nesta turma as crianças eram desafiadas a realizarem trabalhos escolares em casa aos fins de semana.

Para o efeito, o professor criou uma conta de e-mail em que disponibiliza semanalmente aos pais trabalhos para as crianças realizarem no fim-de-semana.

O professor afirma que esta é uma forma de as crianças não ficarem paradas durante o fim-de-semana, permitindo que não se esqueçam dos assuntos abordados durante a semana e também permite que os pais se sintam ativos nas aprendizagens dos filhos.

O professor titular de turma defende que o e-mail foi criado porque o professor sentiu necessidade de enviar atividades escolares aos pais para as crianças realizarem durante o fim-de-semana. Estes pais são muito preocupados com a aprendizagem dos filhos e por esta razão iam à internet pesquisar trabalhos para as crianças fazerem que, muitas vezes, não eram apropriados para a sua idade.

Deste modo, o e-mail foi criado no ano letivo de 2012/2013 com o consenso da direção da instituição e dos pais da turma. Logo, ficou

estipulado que o professor disponibilizasse esses trabalhos na quinta-feira à noite.

Cada semana o professor costuma sugerir trabalhos da área de matemática e do português relacionados com os temas abordados ao longo da semana. Muitas vezes são pequenos desafios ou textos para as crianças prepararem as leituras.

Além disso, o professor também envia ao e-mail de turma os testes de avaliação para as crianças o voltarem a realizar.

No corpo do e-mail o professor coloca sempre uma frase de incentivo para a aprendizagem que os motive a realizar as tarefas propostas como por exemplo:

Olá queridos alunos. Mando em anexo um ficha de revisões de alguma matéria. Mando pouco trabalho para poderem concluir os que têm em atraso.

Quero dizer-vos que é com trabalho que ultrapassamos as adversidades. Vamos trabalhar, vamos melhorar e vamos conseguir!

Bom fim de semana

Um abraço do professor que vos quer bem.

(enviado no dia 14 de fevereiro de 2013)

Olá queridos alunos, mando em anexo as vossas fichas. Procurem a excelência no trabalho e mostrem sempre o que fizeram aos vossos pais.

Um bom fim de semana.

Um abraço do vosso professor que vos quer bem.

(enviado no dia 30 de janeiro de 2013)

Importa referir que estes trabalhos não são considerados pelo professor trabalhos de casa, mas sim como trabalhos em casa e, por essa razão, não têm um carácter obrigatório. Por esse motivo, os trabalhos não são corrigidos na sala de aula e se torna mais importante que sejam os pais a monitorizarem os trabalhos que os seus filhos realizam.

Outra possibilidade desta atividade de turma é que as crianças também enviam exercícios pelo e-mail para as outras o realizarem. Todas as semanas há uma criança que elabora um desafio problemático. No início da semana a criança entrega o desafio ao professor que, se for necessário, o corrige. Na quinta-feira esse desafio, é enviado, por e-mail, para todas as crianças da turma o realizarem.

5- A pergunta

Durante os três meses que estagiei nessa instituição fui-me, pois, apercebendo de que a firme declaração da diretora pedagógica de oposição aos trabalhos de casa, ainda que fosse respeitada e assumida em geral, não coincidia com o modo concreto de pensar do professor titular da turma onde me inseri. Isto é, encontrei na escola uma oposição de ideias que parecia ser equivalente aos debates de que a consulta da literatura dá conta.

Acontece porém, que a bibliografia oferece-nos muitas tentativas de definir os TPC, explora temas que lhes são associados, mas não encontramos qualquer pista que nos permita ter uma ideia certa sobre qual é o motivo que torna os TPC como um caso de controvérsia.

Por isso, julgámos que estávamos perante uma questão que interessava responder: onde é que reside o carácter problemático dos TPC?

Eis uma questão que encerra algumas outras:

- Será que as discussões sobre os TPC são extremas, sem qualquer ponto de entendimento comum?
- Ou existem aspetos do TPC que mereçam o consenso generalizado dos que a eles aderem e dos que se opõem? Quais?
- E dos focos em que há divergência, existem alguns fatores que sejam mais relevantes do que outros? Quais?

Para encontramos uma solução ao problema tentaremos adotar a seguinte estratégia:

1º) Realizar uma consulta de literatura que nos permita enumerar os fatores que delimitam ou definem os TPC, isto é, que nos permita identificar parâmetros que definem os trabalhos de casa. Esse será o objetivo fundamental da seguinte parte deste trabalho.

2º) Explorar as opiniões no terreno para identificar quais os fatores que merecem aceitação ou rejeição pelos diversos pontos de vista. Isto é, consultar as opiniões diferenciadas sobre os parâmetros identificados. Eis a missão de que daremos conta no terceiro capítulo.

O presente relatório está dividido em três capítulos:

- O capítulo I destina-se ao quadro teórico. Neste capítulo vamos reunir a informação recolhida sobre o tema e apresentá-la de maneira que nos ajude a encontrar respostas à nossa questão.

- O capítulo II é dedicado à metodologia. Nele vamos enunciar e justificar a metodologia qualitativa e os instrumentos usados em campo para resolver a questão que nos propomos.

- O capítulo III destina-se à organização e tratamento dos dados, onde poderemos beneficiar dos resultados obtidos com os instrumentos usados em campo para nos ajudar a responder à questão-problema.

- Finalmente, dedicaremos uma última parte do Relatório às conclusões elucidativas sobre as questões que

colocámos e à projeção de outras vias futuras de investigação.

CAPÍTULO 1 – QUADRO TEÓRICO

1- Os parâmetros que definem os trabalhos para casa

Mas, afinal, o que são os trabalhos para casa? Será que existe um entendimento claro e universal do seu significado? Quais são, pois, os parâmetros que os definem?

Se a expressão de “trabalhos para casa” é de uso comum e parece ser bem entendida, a leitura realizada de livros e artigos especializados permite-nos também avançar com uma definição que parece ser consensual. No entanto como veremos, o consenso não é absoluto.

Com efeito, só o facto de atendermos aos modos como os “trabalhos para casa” são nomeados justifica que estejamos em alerta para eventuais conflitos semânticos. Por isso, antes de avançarmos para uma exploração detalhada da definição do que são os trabalhos para casa, é interessante constatar essa disparidade dos vocábulos com que as diversas línguas, e mesmo na nossa língua portuguesa, são usados para indicar, à partida, uma mesma realidade: os trabalhos para casa!

Para conhecermos como são denominados os “trabalhos para casa” nas diversas línguas procurámos contactar instituições representativas dos respetivos países:

- Italiano: A embaixada italiana dirigiu-nos para o Instituto Italiano de Cultura de Lisboa. Segundo a informação recebida o trabalho de casa é referido como “compiti per casa”, que literalmente significa na língua portuguesa “trabalho de casa”.

- Francês: Na embaixada de França foi-nos dada a informação de que o trabalho de casa se denomina por “devoirs” que literalmente na língua portuguesa se pode traduzir por “deveres”.

- Alemanha: A embaixada Alemã não atendeu os nossos telefonemas. Mas segunda a indicação de uma emigrante portuguesa que viveu mais de trinta anos na Alemanha denominou os trabalhos de casa são denominados como “hausaufgaben” que literalmente, na língua portuguesa, significa “trabalhos para casa”.

- Espanhol: A embaixada espanhola não atendeu os nossos telefonemas. Apesar disso, e a pesquisa realizada sobre os trabalhos de casa em espanhol usa o termo “Deberes”, que traduzido literalmente é “deveres”.

- Inglês: Também não obtivemos resposta da embaixada Britânica. No entanto, atendendo à prática dos professores de inglês nas nossas escolas, os trabalhos para casa são chamados “homework”, ou seja, (casa + trabalho), isto é, trabalhos de casa.

- Português (Brasil): Mais uma vez não obtivemos resposta da embaixada do Brasil mas em conversa com alguns amigos brasileiros descobrimos que no Brasil é costume falar-se de “deveres de casa”.

Em síntese, os diversos modos de serem nomeados os trabalhos para casa nas diversas línguas têm o significado literal que se recolhe na tabela seguinte:

Língua	Expressão Original	Tradução literal
Português (Portugal)	Trabalho para casa	Trabalho para casa
Português (Brasil)	Dever de casa	Deveres de casa
Espanhol	Deberes	Deveres
Italiano	Compiti per casa	Trabalhos de casa
Inglês	Homework	Casa de trabalho

Francês	Devoirs	Deveres
Alemão	Schularbeit	Trabalhos de casa

Esta curiosidade revela-nos que enquanto o termo usado nalgumas línguas (Português do Brasil, Espanhol e Francês) se centram no caráter prescritivo ou obrigatório das tarefas (“dever”), noutras (Português, Italiano, Inglês e Alemão) é enfatizado o espaço (“em casa”, “de casa”) onde está previsto que as tarefas sejam realizadas.

A questão da denominação do conceito ainda mostra maior indefinição se nos fixarmos na língua portuguesa. De facto, se a expressão TPC é usualmente entendida como “trabalho para casa”, a preposição “para” é por vezes substituída pelas preposições “de” ou “em”. Se “trabalho para casa” expressa que é um trabalho que vem de ora (da escola) para dentro (para casa), o “trabalho de casa” refere o espaço onde é esperado que os alunos realizem esse trabalho. Aqui já não é referido o local de onde é mandado o “trabalho de casa”. O “trabalho em casa” parece ser equivalente a “trabalhos de casa” e refere o local, o sítio, onde os trabalhos têm de ser realizados (em casa).

Consciente já da diversidade de entendimentos que possam estar ocultos na denominação dos trabalhos para casa, propomo-nos avançar agora para uma definição que, como já se afirmou, possa merecer o consenso mais generalizado possível. Assim, os trabalhos de casa podem ser entendidos como:

“O conjunto de atividades escolares que o professor prescreve para serem realizadas pelos alunos fora da aula como estratégia de aprendizagem.”

Uma análise da definição permite-nos identificar os seguintes parâmetros:

- O que são? São atividades escolares.
- Quem os protagoniza? Os professores que os prescrevem e os alunos que os realizam.

- Quando e como? Fora da aula, entendida como “tempo de aula”.

- Para quê? Para facilitar a aprendizagem.

Se esta definição parece ser aceite pela generalidade das pessoas, no entanto, nas entrelinhas destas anotações, podemos encontrar algumas zonas cinzentas ou espaços em que a divergência surge ou pode surgir. Tentaremos revelar nos próximos parágrafos como a literatura consultada reforça a definição já assumida e, também, como dá pistas das possíveis zonas de polémica.

2 - O parâmetro essencial dos trabalhos para casa: O que são?

Os trabalhos para casa são, pois, atividades escolares; são o “prolongamento de trabalho escolar dos alunos” (Henriques, 2006, p.229). Os trabalhos para casa são, segundo Rosário et.al. (2008) “tarefas de aprendizagem” (p.24) que os alunos completam, fora do horário letivo, o trabalho não concluído no tempo de aula.

Outros autores definem o que são os trabalhos para casa em termos equivalentes:

- Segundo Abreu, Sequeira e Escoval, (1990) os trabalhos para casa são atividades escolares para “terminar trabalhos, treinar uma competência, estudar um assunto” (p.146)

- Silva (2009) diz que os trabalhos para casa podem ser “repetir os trabalhos feitos na aula” (p.26)

A ideia de que o que caracteriza os trabalhos para casa é darem sequência aos trabalhos da escola pode ser também perceptível se atendermos à diversidade de tarefas em que, segundo a literatura consultada, pode consistir:

- Abreu, Sequeira e Escoval (1990) lista os seguintes exemplos, entre outros:

- Arrumar a pasta;
- Organizar o *dossier*;
- Preparar durante um tempo determinado um tema para apresentar na turma;
- Procurar em revistas ilustrações para um trabalho a decorrer na escola;
- Escrever uma proposta para a escola, etc.

(Abreu, Sequeira & Escoval, 1990, p.146).

- Também Abreu, Sequeira e Escoval (1990) enumeram outras atividades que, se não são estritamente atividades escolares, são, no entanto a fazer trabalhos em casa para a escola:

- Selecionar uma notícia de um jornal;
- Fazer o resumo de um programa de TV a que um aluno assista;
- Elaborar uma crítica;
- Escrever a receita do jantar que a mãe ou o pai prepara;
- Fazer um cálculo dos gastos de um passeio ou refeição;
- Entrevistar um vizinho;
- Contar uma história de infância dos pais ou dos avós;
- Legendar uma coleção de fotografias;
- Organizar uma coleção de postais ou de cromos;
- Desenhar a paisagem ou o que vê da sua janela.

(Abreu, Sequeira & Escoval, 1990, p.146).

- Segundo Margenat (2004) os trabalhos para casa consistem na “busca de informações, elaboração de estudos de caso sobre temas” (p.1). Além disso, Margenat (2004) classifica os trabalhos de casa como mecânicos e

repetitivos. No mesmo artigo Gomez (2004) afirma que os trabalhos de casa são a finalização de trabalhos iniciados na aula.

- Para Resende (2008) os trabalhos de casa são “exercícios escritos, pesquisas, resolução de problemas, atividades práticas, de entre outras” (p.386).

-Pires (2012) afirma que os trabalhos de casa podem assumir “a forma de cópias, cálculos, fichas, etc.” (p.3) “assumem o papel de cópias de texto, repetições de palavras, fichas que podem incluir alguns problemas e cálculos que reproduzem os conteúdos dos livros e daquilo que foi feito na sala de aula” (p.3), “leitura de um capítulo” (p.3). “O inquérito e a entrevista, também são TPC interessantes” (p.4).

- Silva (2009) diz que existe uma “diversificada tipologia de tarefas de TPC utilizadas (i.e., apresentar novos conteúdos, explorar novas ideias, desenvolver tópicos criativos em casa)” (p.26).

3 - O parâmetro dos protagonismos: Quem os protagoniza?

Se não parece problemático o parâmetro essencial dos trabalhos para casa (são atividades escolares) não acontece o mesmo nos outros parâmetros.

Quanto aos protagonistas, os trabalhos de casa são marcados e prescritos pelos professores para serem realizados pelos alunos. Podemos afirmar que esta ideia é, neste ponto particular, válida e aceitável porque muitos autores assim o afirmam:

- Abreu, Sequeira e Escoval (1990) declaram que os trabalhos para casa são da responsabilidade do professor.

- Rosário et.al. (2005) relata que os trabalhos de casa são as “tarefas que os professores prescrevem aos alunos para completar” (p.344).

- Os mesmos autores (Rosário et.al.,2008) dizem que “de uma forma geral, o TPC é definido como o trabalho académico prescrito na escola, pelo professor, e que deve ser completado pelos alunos” (p.24).

- Resende (2008) considera os trabalhos para casa “como uma atividade pedagógica elaborada e proposta por professores, destinada ao trabalho dos alunos” (p.286).

- Silva (2009) afirma que os trabalhos para casa são tarefas “que os professores curriculares prescrevem, aos seus alunos, trabalho escolhido, sob decisão desses mesmos professores”. (p.9) Afirma ainda que o “TPC constitui-se como uma ferramenta marcadamente influenciada pelos professores, uma vez que são responsáveis pelo seu planeamento e prescrição” (p.12). E também que “a corporização do TPC tem início na mente do professor e é fruto da sua livre decisão” (p.45).

- Pires (2012) na sua definição de trabalhos para casa diz que “são deveres que os professores estabelecem para as crianças fazerem” (p.3).

As citações precedentes validam a nossa explícita referência aos professores e alunos enquanto protagonistas dos trabalhos para casa. Mas, são os únicos protagonistas ou apenas os protagonistas principais? Deve haver espaço para outros protagonistas? Pergunta-se: São aconselháveis ou necessários? E quem é que pode/deve assumir esse protagonismo secundário dos trabalhos para casa? A família? Outros professores de apoio? O próprio professor da turma num tempo extra?

Esta sequência de interrogações dá-nos uma ideia dos terrenos onde iremos encontrar maior divergência de opinião.

De facto, a literatura alude aos factos de que a realização pelos alunos das atividades propostas conta muitas vezes com a ajuda dos encarregados de educação ou de explicadores. Tanto é assim que:

- Os trabalhos para casa permitem reconhecer o nível de presença comportamento dos pais na realização das tarefas. Segundo Rosário et.al. (2005) afirma que os trabalhos para casa “monitorizam (...) as atitudes e comportamentos dos pais e outros educadores, mais ou menos presentes (quando não mesmo ausentes), durante a realização das tarefas prescritas.” (p.345).

- Os pais e explicadores têm um papel determinante para a qualidade final do trabalho realizado. Deste modo, e citando Rosário et.al. (2005), “os pais e explicadores” têm um papel determinante para “a qualidade final do trabalho realizado” (p.344).

- Os trabalhos para casa permitem aos pais tomar conhecimento contínuo do que os filhos fazem nas salas de aulas. Ou seja, os trabalhos para casa ajudam a que os pais tenham conhecimento do que o professor faz na sala de aula e sabem o que os seus filhos aprendem. Segundo Resende (2008) “o dever de casa é a atividade escolar que mais diretamente envolve a família, especialmente quando se trata dos anos iniciais de escolarização.” (p.387). Desta forma, os trabalhos de casa ajudam a cimentar as relações entre os pais e a escola e é uma forma dos pais sentirem que participam na vida escolar dos filhos.

No entanto, a colaboração da família ou de explicadores não aparece como uma condição necessária, mas apenas de conveniência:

- Dependendo, por exemplo, do tipo de trabalho para casa em causa. Segundo Rosário et.al. (2008) os trabalhos prescritos pelo professor são realizados “sem a orientação do professor” (p.24) por esta razão, “os alunos devem completar; os alunos devem realizá-las e a família, os pares e outros agentes educativos podem ou não colaborar no processo, mediante o tipo de TPC em causa” (p.25).

- Como auxílio ao professor para lidar com os diferentes alunos. Deste modo, Henriques (2006) defende que os trabalhos para casa “não podem ser entendidos como uma relação a dois: professor-aluno” (p.228). Por essa razão o papel dos pais ser importante. No mesmo artigo a autora afirma que “a finalidade neste envolvimento é que todos ajudem os alunos a adquirir um conjunto de capacidades e comportamentos que permitam o sucesso académico e, simultaneamente, auxiliem o professor a cumprir o longo currículo formal.” (p.229). Assim, os professores sentem necessidade de ser apoiados pelos pais para lidarem com os diferentes alunos e com o currículo (Henriques, 2006).

- Como reforço motivacional da criança para adquirir as aprendizagens. Assim sendo, Pires (2012) afirma que os pais têm um papel importante na vida “dos filhos na realização dos TPC, independentemente do grupo socioeconómico a que pertencem” (p.8).

- Como oportunidade para uma relação afetuosa, “de atenção e carinho”. Segundo Pires (2012), o tempo que os pais passam a ajudar as crianças na realização dos trabalhos para casa promove à criança “alguns momentos de atenção e carinho” (p.9).

Mas o protagonismo da família na realização dos trabalhos para casa tem alguns inconvenientes que a literatura não deixa de assinalar:

- As presentes exigências da vida podem impedir que os pais possam disponibilizar esse apoio aos filhos. Assim, Henriques (2006) afirma que “os pais/EEs, face às exigências do quotidiano, não conseguem responder às solicitações do professor” (p.229). Pires (2012) afirma, também, que os pais “simplesmente (...) não terem tempo disponível para prestar um auxílio eficaz e correto” (p.9).

- Os trabalhos para casa perdem porque os pais têm de disponibilizar tempo para auxiliar as crianças. Segundo Pires (2012) afirma que os trabalhos para casa são “como um verdadeiro tormento para muitas famílias, pelo facto de terem que disponibilizar diariamente tempo para auxiliar o seu educando na realização dos mesmos” (p.6).

- Muitas famílias podem carecer do nível cultural suficiente para apoiar os seus filhos. Pires (2012) reconhece “a existência de algumas dificuldades” (p.9) na ajuda dos pais nos trabalhos para casa. Uma delas é o facto de “alguns dos problemas que por vezes surgem é o facto, de alguns pais, terem dificuldades em auxiliar os filhos, talvez por possuírem um nível cultural inferior e por algumas limitações ao nível do ensino” (p.9).

- Os trabalhos para casa podem ter efeito perverso de converter o tempo em família (que se desejava divertido e de descanso) numa tortura e em espaço de conflito familiar. Pires (2012) afirma que os trabalhos para casa “são uma fonte de cansaço para os pais e para as crianças, pois estas ficam sem tempo livre para brincar e realizar

atividades (...) tal como os pais que, muitas vezes, têm que ajudar as crianças nos deveres escolares” (p.6).

- Podendo ser a família um reforço motivacional, pode ser também um foco de desmotivação. Pires (2012) reforça esta afirmação referindo que “as crianças parecem ser influenciadas pelo seu ambiente familiar, podendo, este ambiente deixá-las predispostas a aprender ou para as desmotivar” (p.8).

Em virtude das considerações anteriores, compreende-se bem a preocupação que a literatura também revela sobre a quantidade e o tipo de trabalhos para casa que os professores prescrevem.

De facto, a diversidade de sínteses, o ponto de apoio que as famílias possam dar aos alunos têm de ser diferentes de caso para caso, aconselham que seja atribuído apenas a um protagonista secundário aos pais ou explicadores.

Com essa preocupação por oferecer condições de igualdade aos alunos, conclui-se a necessidade de o professor ser muito ponderado nos trabalhos que prescreve de modo que sejam exequíveis e bem estruturados para que os alunos os consigam realizar mesmo aqueles alunos que não têm o apoio de um adulto da família.

Segundo Henriques (2006) afirma que:

o professor tem obrigação de quantificar, explicar e corrigir as tarefas a fim de que os alunos possam tirar resultados positivos, assim como tem também a obrigação de criar para todos os alunos condições de igualdade relativas à realização das mesmas.

Da mesma forma, Silva (2009) relata que “o papel das escolas, personificado nos seus professores, deveria focalizar-se, assim, na clarificação e explicitação, junto de alunos e pais ou encarregados de educação, dos nobres objetivos da realização de TPC” (p.46). Afirma,

ainda, que “o TPC devia ser prescrito para ir de encontro às necessidades dos alunos” (p.50).

De qualquer forma, o facto de os pais ou outros auxiliares terem um papel secundário nos trabalhos para casa, mais o facto de todos os alunos não poderem contar com o mesmo tipo de apoio, obriga os professores a terem um cuidado muito especial no modo como preparam e orientam os trabalhos para casa. Com efeito, essa preparação é referida por vários autores, nomeadamente quando dizem que os trabalhos de casa estão divididos em três partes:

- A primeira tem lugar na sala de aula onde se prepara e são marcadas as tarefas a serem realizadas;
- A segunda fase é a realização por parte dos alunos das atividades propostas;
- E a última fase é a verificação e monitorização das tarefas que as crianças realizaram na fase anterior.

(Rosário et.al., 2005)

4 - O parâmetro do espaço: Quando e como?

Os trabalhos de casa são realizados fora da aula. “Fora da aula”, entendido como “fora do tempo da aula” e não necessariamente como forma do espaço da sala de aula. Vários autores defendem esta ideia:

- Rosário et. al. (2005) refere que os trabalhos para casa são realizados “preferencialmente, fora do horário letivo” (p.344).
- Noutro momento, Rosário et al. (2008) reforça essa ideia de os trabalhos para casa serem realizados na “horário extra lectivo” (p.24).

- Resende (2008) diz que os trabalhos para casa estão destinados a serem realizados “fora do período regular de aulas” (p.386).

- Silva (2009) refere-se aos trabalhos para casa como “tarefas extra aula” (p.9).

- Pires (2012) afirma que os trabalhos de casa são para serem realizados “depois das aulas” (p.3) “os TPC são também considerados tarefas, extra aula” (p.4).

Mas se o consenso é generalizado quanto ao facto de os trabalhos para casa se destinarem a serem feitos fora da aula, as divergências aparecem na hora de defender, em concreto, o espaço (onde?) e o momento (quando?) em que devem ocorrer.

Existem autores como Tornaria et al (2009) que defende que as tarefas devem ser realizadas na escola “para as crianças com dificuldades, pouco estimuladas e de áreas desfavorecidas, a tarefa de casa pode ser um meio de alcançar um maior entendimento com os seus colegas mais favorecidos” (p. 220).

Mas existem outros que defendem que os trabalhos para casa devem ser realizados “preferencialmente” ou “geralmente em casa”:

- Rosário et al. (2008) afirma que os trabalhos de casa são feitos geralmente em casa” (p.24) e que o aluno inicia nas aulas e acaba em “casa ou noutro contexto-escolar” (p.24).

- Silva (2009) refere que os trabalhos para casa são “preferencialmente realizado em casa” (p.11).

E ainda outros que defendem que os trabalhos para casa devem ser realizados “em casa”:

- Pires (2012) diz que os trabalhos para casa são “para as crianças fazerem em casa” (p.3).

Certamente, as divergências quanto ao local e momento de se realizarem os trabalhos para casa não estará desvinculado de um aspeto importante para a realização dos trabalhos para casa que é o ambiente em que as crianças os realizam. Segundo Silva (2009):

Se alguns contextos familiares são altamente estruturados e providenciam ambientes de ancoragem e reforço de atitudes positivas e apoio na resolução de pequenas dúvidas e conflitos emocionais surgidos durante a realização das tarefas TPC, outros há onde este tipo de ajudas não existe por incapacidade de *deficits* vários” (p.58).

Admita-se que estamos aqui a referimo-nos ao ambiente e não aos pais como protagonistas. O que neste momento, estamos a reforçar que a disparidade de ambientes familiares pode comprometer o sucesso. Isto é, o ambiente deve influenciar a prática dos trabalhos de casa. É o que, por exemplo, afirma Pires (2012) “o ambiente familiar que existe e que pode ser porventura prejudicial para a criança na vida escolar e como se desenvolve o estudo na casa de cada criança” (p.9)

5 - O parâmetro da definição: Para quê?

A quarta nota definitiva dos trabalhos para casa é o facto de constituírem uma estratégia de aprendizagem. A consulta da bibliografia dá-nos também essa ideia. Aliás, a literatura é clara na referência a três motivos pelos quais os trabalhos para casa constituem uma estratégia de aprendizagem:

1.º) Os trabalhos para casa reforçam o que se aprendeu na aula:

- Para Silva (2009) “o TPC era uma forma de melhorar a aprendizagem e o aproveitamento dos alunos. Estimular a disciplina intelectual dos alunos, cobrir e reforçar os conteúdos dados nas aulas” (p.50). Além disso os trabalhos para casa têm o “objetivo de providenciar oportunidades adicionais de aprendizagem fora da escola”

(Silva, 2009, p.9). Ainda refere que é “estender o trabalho desenvolvido nas aulas” (p.50) e orientar aprendizagem fora de aulas.

- Para Pires (2012) os trabalhos para casa servem para “abordar certos conteúdos que já foram trabalhados” (p.3), ou seja, estão a “contribuir para consolidar aprendizagens e muitas vezes para esclarecer dúvidas que algumas crianças têm e que não referem” (p.3). O autor diz que os trabalhos para casa servem para “consolidar as aprendizagens que as crianças realizam na escola.” (p.7).

2.º) O trabalho para casa, além de reforçar os conhecimentos, também permite o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças e possibilitam o pensamento divergente:

-Pires (2012) alerta para a importância da criatividade dos trabalhos de casa. “É importante haver criatividade na educação e que os TPC permitam desenvolver essa criatividade, ou seja, estes devem ser diversificados, estimular a imaginação e o espírito criativo da criança, fomentando a originalidade e a criação de algo novo.” (p.5). “Assim, os professores, tanto na sala de aula como nos trabalhos de casa que solicitam, devem desenvolver a sua criatividade e imaginação.” (p.5).

3.º) Os trabalhos para casa propiciam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia e autorregulação: as diversas formas que têm as crianças de se organizarem e realizarem os trabalhos para casa que lhes são propostos faz com que cada criança possa ser responsabilizada pela gestão do seu tempo livre, tornando-as mais independentes e autónomas.

-Abreu, Sequeira e Escoval, (1990) valorizam que, a realização dos trabalhos para casa, as crianças permite

“criar hábitos de trabalho, de cumprimento de regras e de ordens; fazer juízos, comparações e descobertas; aumentam a *responsabilidade* e a autodisciplina.” (p.145).

- Passola (2004) destaca as potencialidades dos trabalhos para casa para "incentivar a responsabilidade, autonomia e hábitos de estudo" (p.1).

- Rosário et. al. (2005) diz, que nos primeiros anos de escolaridade, os TPC têm como objetivo “o estabelecimento de bons hábitos de estudo, a organização e gestão do tempo, a responsabilização pessoal, a promoção da autonomia e do controlo autorregulatório” (p.344). “Entende-se que tais processos autorregulatórios os capacitarão para alcançarem os seus objetivos, melhorando simultaneamente o seu rendimento escolar” (p.344).

- Também Rosário et. al. (2008) afirma que os trabalhos para casa, “quando praticado com eficácia pode traduzir-se numa competência que o aluno vai adquirindo ao longo do tempo, levando-o a desenvolver iniciativa, autodisciplina, responsabilidade, independência e capacidade de gestão de tempo” (p.25). Além disso existe uma “ íntima relação do TPC com o desenvolvimento da autorregulação” (Idem, p.24).

- Silva (2009) diz que os trabalhos para casa ajudam “os alunos a desenvolver bons hábitos de estudo e promover desejáveis estratégias autorregulatórias no sentido do autodirecionamento para a centração nas matérias não lecionadas” (p.50). Os trabalhos para casa são “o estabelecimento de objetivos, a planificação, a

automonotorização, a autoavaliação, a autoinstrução ou a autor-reação, característico de um modelo mais direcionado para a especificidade da tarefa.” (p.31). Além disso os alunos aprendem a “se autodisciplinarem (e.g., aprendendo a controlar distratores internos e externos)” (p.38).

- Pires (2012) salienta que “os TPC, também, são importantes para as crianças na medida em que permitem desenvolver a sua autonomia e capacidade de organização individual” (p.7)

Em suma, a definição que escolhemos para caracterizar os trabalhos para casa parece ir ao encontro das opiniões dos autores mencionados.

- Os trabalhos para casa são atividades escolares (parâmetro essencial e de consenso);

- Prescritos pelo professor e a serem realizados pelos alunos. O protagonismo dos pais ou de outras pessoas é secundário e depende dos fatores ambientais de cada criança.

- A realização fora do tempo de aulas. Ser ou não ser em casa não é ponto decisivo.

- Como estratégia de aprendizagem, essencialmente como atividade de reforço e oportunidade para o desenvolvimento da autonomia e autorregulação.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

1- Uma Investigação Qualitativa

A questão inicialmente proposta pretendia compreender quais os fatores polémicos ou de divergência em relação a um tema: os TPC. O nosso propósito não é saber quem, quantas pessoas e como opinam. Por isso, as metodologias que foram adotadas respondem a um modelo de investigação qualitativa. Com efeito, a nossa intenção é “compreender os mecanismos, o como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções” (Sousa, 2009, p.31). No nosso caso, o que pretendemos fazer é compreender as orientações pedagógicas de uma instituição e de um dos seus professores que, por sinal, é o professor titular de turma onde realizei o meu estágio. O nosso foco de atenção está mais centrado numa compreensão e interpretação dos fenómenos do que em quantificá-los (Sousa, 2009). Estamos mais interessados “pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 49).

Certos de que a investigação qualitativa é reflexiva e “que se concretiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento” (Afonso, 2005, p.118), que se vai construindo e consolidando “à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados no processo analítico e interpretativo”, procurámos selecionar instrumentos de observação e análise respeitando os procedimentos empíricos-dedutivos, observantistas e hermenêuticos, propostos para este tipo de investigação e que Sousa (2009) seguindo Bogdan e Biklen descreve nos seguintes termos (p.31):

- 1- A fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador (com o seu pensar e a sua objetividade) o instrumento principal;
- 2- Interessa mais a descrição e a compreensão dos fenómenos do que a sua natureza;

3- O significado e o sentido é mais relevantes do que os resultados em si.

Em concreto, dada a opção por nos concentrarmos na análise dos fatores de divergência de opinião numa escola concreta e entre pessoas concretas, decidimos recorrer ao método do estudo de caso, servindo-nos como instrumentos de recolha de informação da entrevista semiestruturada e da observação orientada por sistemas categoriais organizado em grelhas de observação.

2- Estudo de Caso

Na minha prática pedagógica deparei-me com um caso. Um caso que não será insólito (haverá outros muito semelhantes). Mas é um caso único. Isto é, um caso concreto. Ou seja, um caso. O caso de, numa mesma instituição, existirem opiniões vincadamente divergentes relativas aos trabalhos de casa.

Por esta razão decidi estudar e compreender este caso.

Por esta razão optei pelo estudo de caso, porque, como afirma Afonso (2005), o estudo de caso destina-se justamente a “estudar o que é particular, específico e único” (p.70). Porque, como afirma Sousa (2009), “o estudo de caso visa essencialmente a compreensão do comportamento (...) de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural.” (p.138).

E o farei com o esforço por manter o objetivo distanciamento que evite o risco de manipular as opiniões.

O estudo de caso utilizado no presente trabalho corresponde ao que tem vindo a ser denominado como “estudo de caso intrínseco”, no sentido de que procura “o conhecimento aprofundado de uma situação concreta no que ela tem de específico e único (...) O que interessa é a análise de uma situação singular justamente no sentido de documentar essa singularidade” (Afonso, 2005, p.71).

Como já adiantei, os instrumentos que escolhi para «documentar» a singularidade do meu estudo e poder compreender melhor o que nos

interessa, isto é, onde se situam os fatores controversos dos trabalhos de casa, são as entrevistas estruturadas aos vários intervenientes do estudo e grelhas de observação dos trabalhos para casa dos alunos. As nossas expectativas estão ancoradas na informação que esses instrumentos nos possam oferecer e nas inferências que, a partir dela, sejamos capazes de realizar.

Partimos para o terreno cientes das vantagens e desvantagens do estudo de caso, atentos às advertências e alertas que Sousa (2009) enumera. Entre as vantagens, o facto de requerer a concentração do investigador basicamente no caso que está a estudar e a oportunidade que oferece de estudar o caso com diversos níveis de profundidade e em períodos de tempo mais ou menos alargados. Entre as desvantagens, conta-se com a sua insuficiência para estabelecer generalizações ou servir de exemplo para outros casos em situações diferentes e, também, a compreensível impossibilidade de se poder voltar atrás e verificar a informação obtida.

3- As Entrevistas Semiestruturadas

De acordo com o teor do estudo que se desejou realizar sentimos necessidade de entrevistar à diretora pedagógica e ao professor titular da turma, enquanto personagens centrais do nosso caso, mas, também, a alguns pais de alunos da turma que nos permitissem perceber as suas perceções em relação aos trabalhos para casa.

Numa primeira análise, tendo em conta a falta de tempo para a realização do Relatório, pensámos que a melhor solução seria a entrevista e, em concreto, a entrevista estruturada.

- A entrevista constitui uma conversa amena onde o entrevistado vai fornecendo ao entrevistador informações úteis para a sua investigação (Sousa, 2009).
- A entrevista estruturada diferencia-se pela existência de um guião previamente elaborado com perguntas de

resposta rápida e objetiva, que possibilitarão uma análise quantitativa dos dados (Idem).

Com efeito, a entrevista estruturada apareceu-nos inicialmente como bastante apropriada ao nosso propósito: um “instrumento de investigação cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações questionando diretamente cada sujeito” (Sousa, 2009, p.247), o que era pertinente para o efeito de entender a diversidade de opiniões dos protagonistas do nosso caso de estudo. Mas depois, após uma reflexão mais cuidada, pensámos que uma entrevista semiestruturada poderia ser mais interessante por dois motivos:

1.º) Para percebemos com maior profundidade as percepções dos entrevistados. Isso não era possível numa entrevista estruturada em que “cada entrevistado responde a uma série de perguntas preestabelecidas dentro de um conjunto limitado de categorias de respostas” (Afonso, 2005, p.98). Interessava-nos uma entrevista que não tivesse essa rígida limitação das respostas.

2.º) Para avaliarmos a própria estrutura da entrevista e, quiçá, podermos ficar capacitados para, numa fase posterior, construirmos uma entrevista estruturada ou, até, um inquérito, que pudesse servir de instrumento para um estudo quantitativo mais alargado.

Optámos, pois, pela entrevista semiestruturada. Certamente, a preparação da entrevista semiestruturada não tem uma exigência idêntica à que é necessária na elaboração das questões de uma entrevista estruturada e à prevenção dos “modos de registar as respostas dadas pelo entrevistado” (Sousa, 2009, p.251). No entanto, a entrevista semiestruturada também exige a construção de um guião orientador, são “conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista” (Afonso, 2005, p.99):

a) Numa entrevista semiestruturada “há uma certa orientação, geralmente no início da entrevista, deixando que o entrevistado siga depois a sua linha de raciocínio, intervindo apenas nos momentos em que o sujeito possa estar a desviar-se do assunto em questão” (Sousa, 2009, p.249).

b) Neste tipo de entrevistas o entrevistador prepara previamente as questões mas não as coloca diretamente ao entrevistado (Idem).

Com estas orientações, dispusemo-nos a elaborar o guião das nossas entrevistas. Tivemos presente a recomendação de Afonso (2005) de procurar que o nosso guião fosse “construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projeto de investigação” (Afonso, 2005, p.99). Isto é, realizámos a preparação das nossas entrevistas com o olhar fixo na pergunta inicialmente formulada (tentar perceber onde é que se encontrava o foco de discórdia sobre os trabalhos para casa) e tendo presentes os elementos recolhidos no capítulo I – quadro teórico. Assim, a formulação das nossas perguntas teve na sua base a informação que os autores lidos nos forneceram.

4- As Perguntas da Entrevista

O guião da entrevista semiestruturada que realizámos à Diretora Pedagógica, ao Professor titular e aos encarregados de educação é constituído por dois conjuntos de questões diferentes a colocar consoante a resposta que fosse dada pelos entrevistados a uma pergunta inicial.

A seguir a todas as perguntas (tanto a seguir à pergunta inicial como também após cada uma das restantes perguntas) foi acrescentada uma pergunta suplementar, que denominámos como “pergunta plus” com o objetivo de provocar o entrevistado que justificasse as suas escolhas, comentasse a estrutura da pergunta ou sugerisse algo que lhe parecesse essencial acrescentar. No fundo, esta “pergunta plus” responde à

intenção de uma entrevista semiestruturada que dá espaço para uma resposta mais livre do entrevistado.

a) A pergunta inicial

A pergunta inicial (ver quadro 1) tem como objetivo saber, logo à partida e de forma clara, se os entrevistados estão de acordo ou em desacordo com os trabalhos para casa. Isto é, se julgam que o tempo legalmente prescrito de aulas é o único tempo necessário para as crianças realizarem as aprendizagens escolares ou se é necessário (ou pelo menos conveniente) a realização de atividades escolares fora do tempo de aulas.

Quadro 1

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

a) É **o único tempo necessário** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias.

b) É **o tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso a realização de atividades escolares fora de aulas é uma possibilidade enriquecedora, mas não necessária.

c) É **o tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto, a realização de atividades fora de aulas é uma estratégia complementar muito conveniente.

d) É **um tempo indispensável** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é igualmente indispensável como estratégia

complementar.

No fundo são dadas duas hipóteses de resposta. A resposta (a) é para quem é contra os trabalhos para casa. As respostas (b), (c) e (d) são para os que estão a favor, diferenciando apenas no nível de conveniência ou necessidade que se lhes reconhece

.Dependendo da resposta dada a esta pergunta inicial, seguia-se um dos seguintes dois conjuntos de perguntas. Para quem respondesse com a alínea (a), que significava estar contra os trabalhos de casa o guião da entrevista previa duas perguntas (A.1 e A.2). Para quem respondesse as alíneas (b), (c) ou (d), que significava estar a favor dos trabalhos para casa por serem enriquecedores, convenientes ou indispensáveis o guião da entrevista previa quatro perguntas (B.1, B.2, B.3 e B.4).

As perguntas que se seguem foram elaboradas tendo presente os elementos recolhidos no capítulo 1 – quadro teórico e o decreto-lei nº139/2012 de 5 de julho.

b) A pergunta “A.1”

Em concreto, a pergunta A.1 (ver quadro 2) procura que aqueles que estão contra os trabalhos para casa reflitam sobre os motivos de quem está a favor. Assim, o objetivo da pergunta era fazer com que o entrevistado ganhasse consciência das razões que levam as pessoas a concordar com as atividades fora do tempo de aulas.

Quadro 2

Pergunta A.1: O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula não é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas <u>são convenientes ou necessárias?</u> (Assinalar uma ou mais opções):

a) Reforçar o que se aprendeu nas aulas?
--

b) Desenvolver a criatividade e o pensamento divergente?
--

c) Proporcionar uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?
--

d) Por contribuir para ocupar o excessivo tempo livre da criança no final do dia?

Por outro lado, a opção dada de assinalar “uma ou mais opções” nos poderão dar a saber quais, dos motivos a favor dos trabalhos para casa, são os mais reconhecidos por quem está contra.

c) A pergunta “A.2”

A pergunta A.2 (ver quadro 3) tem como objetivo perceber qual é a razão que leva o entrevistado a afirmar que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias, por outras palavras, perceber porque é que os entrevistados não concordam com os TPC.

Quadro 3

Pergunta A.2: Quais são os motivos pelos quais importa que o tempo de aula seja o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas sejam desnecessárias?

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?				
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?				

Assim, o entrevistado recorrendo a uma escala de quatro níveis (não; um pouco sim; sim; sobretudo por isso) podem indicar-nos quais os maiores inconvenientes que encontram nos trabalhos para casa: prejudicar o tempo de lazer das crianças?; prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?; oferecer às crianças o ambiente mais adequado para aprender?; porque o horário letivo é já muito extenso para a idade das crianças?.

d) A pergunta “B.1”

As perguntas “B.1”, “B.2”, “B.3” e “B.4” são propostas aos entrevistados que estão a favor dos trabalhos para casa. Em concreto a pergunta B.1 (ver quadro 4) convida aos defensores dos trabalhos para casa a pensar nos motivos que argumentam os que opinam de forma oposta.

Quadro 4				
Pergunta B.1: O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas <u>são desnecessárias</u>?				
Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as				

crianças estão mais predispostas a aprender?				
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?				

À semelhança da pergunta A.2, também aqui o entrevistado, recorrendo a uma escala de quatro níveis (não creio; um pouco sim; sim; sobretudo por isso) pode opinar sobre os possíveis inconvenientes dos trabalhos para casa: prejudica o tempo de lazer das crianças?; prejudica o tempo de lazer dos pais com as crianças?; não oferece às crianças o ambiente propício para a aprendizagem?; o horário letivo é muito extenso para a idade das crianças?.

e) A pergunta “B.2”

A pergunta B.2 (ver quadro 5) questiona o que é que leva o entrevistado a estar de acordo com a realização de atividades escolares fora do tempo de aulas.

Quadro 5				
Pergunta B.2: Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?				
Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?				
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?				
Será porque proporcionam				

uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				
--	--	--	--	--

O entrevistado, com uma escala de quatro níveis (não creio; um pouco sim; sim; sobretudo por isso), pode se pronunciar sobre os TPC reforçam o que se aprendeu nas aulas; se desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente; ou se promovem o desenvolvimento da autonomia, da responsabilização e da autorregulação de comportamentos.

f) A pergunta “B.3”

A pergunta B.3 (ver quadro 6) tem como objetivo perceber o protagonismo reconhecendo ao professor titular de turma: se é apenas ele quem deve prescrever os trabalhos para casa ou se podem ser prescritos por outros professores de apoio ou por um adulto da família.

Quadro 6

Pergunta B.3: Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

a) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.

b) Podem ser prescritos pelo **professor titular** de turma ou por **outro professor de apoio**.

c) Podem ser prescritos pelo **professor titular** de turma ou pelo **professor de apoio** ou por um **adulto da família**.

g) A pergunta “B.4”

Ainda com o intuito de perceber quem seria o protagonista essencial dos trabalhos para casa, a pergunta B.4 (ver quadro 7) complementa a pergunta B.3 no sentido de dar-nos a conhecer se esse protagonismo essencial do professor titular de turma e que se propõem

corresponder ao protagonismo essencial da criança, é também partilhado pelos outros eventuais agentes de apoio (pais e “explicadores”).

Quadro 7

Pergunta B.4: Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

a) A criança **não precisa de qualquer apoio**. Os esclarecimentos das dúvidas e as correções dos trabalhos ficam para a próxima aula com o professor titular.

b) A criança precisa da proximidade do **professor titular** para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.

c) A criança precisa da proximidade de um **professor de apoio** (não necessariamente o professor titular) para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.

d) A criança precisa da proximidade de um **adulto** (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

h) A pergunta 5

Esta pergunta (ver quadro 8) foi realizada só aos encarregados de educação e tem como objetivo perceber o que os encarregados de educação desta turma em particular pensam sobre os trabalhos para casa, que este professor marca aos alunos para os realizarem nos fins de semana. O que interessava era conhecer a perceção dos pais, na eventualidade de que os avaliassem como um obstáculo ou empecilho nas rotinas e no tempo de lazer que tinham programado. É uma pergunta totalmente aberta que nos serve para perceber até que ponto os encarregados de educação estão dispostos a ajudar os filhos a realizar os TPC.

Quadro 8

Pergunta 5: Quando é que faria os trabalhos de casa? Tempo de lazer.

5- As Grelhas de Observação

Desde o início do nosso trabalho tivemos plena consciência de que as entrevistas constituíam o nosso fundamental instrumento de documentação do caso em estudo. No entanto, decidimos a dada altura aproveitar o tempo de estágio que ainda tinha à minha frente (duas semanas) para realizar uma recolha de informação complementar.

Em concreto, e como já foi enunciado na introdução do presente trabalho, uma vez que o professor titular da turma praticava um peculiar sistema de marcação de tarefas a realizar pelas crianças nos fins de semana, julgámos que seria interessante saber duas coisas:

- a) Se as crianças realizavam esses trabalhos para casa, se os realizavam na totalidade e se os realizavam sozinhos ou acompanhados.
- b) Se havia alguma relação de correspondência entre as crianças que realizavam as tarefas e os seus níveis de desempenho nas aulas (níveis de motivação e de conhecimentos).

De maneira a recolher informação relevante para esses assuntos optámos por um sistema categorial com o recurso a grelhas enquanto “dispositivos da observação estruturada” (Afonso, 2005, p.92) e ferramenta de registo. Isto é:

- a) Optámos por um «sistema categorial», que Sousa (2009) caracteriza como sistema fechado que “contém um número finito de categorias ou de unidades de observação” (p.126).

b) E optámos por grelhas em sintonia com a recomendação de serem “concebidas previamente em função dos objetivos de pesquisa (acima enunciados), nas quais se regista informação anteriormente pré-codificada, de teor quantitativo ou facilmente quantificável, através de menções simples” (Afonso, 2005, p.92).

Consequentemente, porque tínhamos dois objetivos de pesquisa, elaborámos duas grelhas, recolhidos nos anexos 3.

a) A primeira, destinada a saber o nível de cumprimento dos TPC, era preenchida sempre no início da semana (segunda-feira). Eu própria, enquanto estagiária, abordava e preenchia a grelha com cada criança, individualmente. Esta grelha era composta por apenas duas categorias o nível de cumprimento e as condições de resolução:

- O nível de cumprimento era registado em duas colunas. Na primeira, com as variáveis (sim/não) pretenderam dar-nos a conhecer quantos foram os alunos que não fizeram os trabalhos. Na segunda, com as variáveis (tudo/parte) permitia aferir minimamente a quantidade de trabalho que as crianças realizaram.

- A segunda categoria destinava-se a saber se as crianças que realizaram os trabalhos o fizeram sozinhas ou acompanhadas.

Nome dos alunos	Fez os trabalhos em casa	Quantos	Sozinho	Acompanhado

b) A segunda grelha, que pretendia saber se havia correspondência entre a realização dos TPC e os níveis de desempenho nas aulas, era preenchida também por mim

junto do professor titular de turma no final de cada dia das duas semanas em que decorreu esta observação. O professor, durante esta análise, não teve acesso à primeira grelha de modo a não influenciar a sua decisão.

Esta segunda grelha está dividida em quatro categorias que eram avaliadas com a escala de “Bastante Satisfatório”, “Satisfatório” e “Pouco Satisfatório”:

- A primeira categoria destina-se a avaliar o nível de motivação que cada criança mostrava ao longo do dia.
- As restantes correspondem à avaliação do nível de competência observado nas aulas durante o dia a Matemática, Português e Estudo do Meio.

Nome dos alunos	Nível de Motivação	Nível de competências - Matemática	Nível de competência – Português	Nível de competência – Estudo do Meio

No próximo capítulo, pretendemos analisar as grelhas e compará-las para observarmos se existe algum elemento mais significativo.

CAPÍTULO 3- ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS

Neste capítulo pretendo analisar os dados recolhidos com cada instrumento (grelhas de observação e entrevistas) de maneira a tentar dar resposta às questões.

Para melhor compreensão dos dados vou usar algumas abreviaturas: DP (Diretora Pedagógica); PTT (Professor Titula de Turma); EE1 (Encarregado de Educação 1); EE2 (Encarregado de Educação 2) e EE3 (Encarregado de Educação 3).

1- Os protocolos das entrevistas realizadas

Nos anexos 6, 7, 8, 9 e 10 encontram-se os protocolos das entrevistas semiestruturadas realizadas à Diretora Pedagógica(DP), ao Professor titular de turma (PTT) e a três encarregados de educação.

Uma vez que já foram suficientemente apresentados a Diretora Pedagógica e o Professor Titular de Turma (ver introdução), acrescentamos neste momento algumas breves informações sobre os encarregados de educação entrevistados:

- O encarregado de educação 1 (EE1) é professor de matemática, desempregado porque não foi colocado este ano na função pública. É pai de uma menina que faz sempre os trabalhos que o professor envia para o fim de semana e que é considerada uma aluna com níveis de desempenho próximos da média da turma.

- O encarregado de educação 2 (EE2) é uma mãe de uma menina que realiza sempre as atividades que lhe são propostas pelo professor titular de turma e que tem um bom desempenho na escola.

- O encarregado de educação 3 (EE3) é uma mãe que declara ajudar muito o filho na realização dos trabalhos para casa. O aluno revela algumas dificuldades na aprendizagem com níveis de desempenho insuficientes.

Antes de passarmos a uma análise interpretativa das entrevistas, interessa resumir as principais ideias recolhidas a propósito de cada uma das perguntas.

2 - A pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

2.A - Respostas:

Entrevistados	Respostas
DP	a) É o único tempo necessário para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso as atividades escolares fora de aulas <u>são desnecessárias</u> .
Ninguém	b) É o tempo suficiente para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso a realização de atividades escolares fora de aulas <u>é uma possibilidade enriquecedora</u> , mas não necessária.
EE3	c) É o tempo suficiente para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto, a realização de atividades fora de aulas é uma estratégia complementar <u>muito conveniente</u> .
PTT, EE1,EE2	d) É um tempo indispensável para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é <u>igualmente indispensável</u> como estratégia complementar.

2.B - Pergunta plus

DP – Diz que “se é escola é para ser feito na escola”. “As 25 horas para mim chegam e sobram. Eu acho que a criança não deve fazer mais nada. Mais nada além das aulas”. Para a Diretora Pedagógica não faz sentido “sair da escola e ir fazer outras coisas” escolares. No entanto, afirma que se o aluno “ficar com o professor eu não sou contra” e acrescenta que para alguns alunos “é preciso mais de 25 horas semanais e para outros não”.

PTT – Afirma que “a nível de trabalho o tempo que nós temos durante a semana é o suficiente para nós trabalharmos, no entanto, é preciso adquirir automatismos e rotinas de trabalho e como tal o trabalho fora da sala é indispensável para criarem esses automatismos, rotinas e hábitos de trabalho. Também para desenvolverem uma questão de meta-aprendizagem e também para se habituarem progressivamente que o trabalho não é só na escola mas também em casa”. e que os trabalhos para casa não devem ser visto como “uma obrigação mas sim um benefício para aqueles que podem e que querem ir mais além”.

EE1 – Refere que os trabalhos para casa são indispensáveis quando o aluno “trabalha sozinho” e são “fundamentais na matemática e na português porque o aluno só consegue saber se percebeu a matéria quando trabalha sozinho”. Afirma ainda que só se justifica não haver trabalhos para casa “se tivéssemos dez alunos por sala, ou seja, turmas pequenas”.

EE2 – Afirma que “o saber não ocupa lugar”, “saber gerir o cansaço também é importante. Na minha opinião a criança que chega a casa posterior às sete da tarde não deve ter mais trabalhos”.

EE3 – Refere que “eles têm o tempo de aulas mas eu acho que os trabalhos de casa servem para eles consolidarem os conhecimentos que vão adquirindo e ao mesmo tempo para os pais também em casa, poderem

ver onde é que eles estão a ter dificuldades e poderem também passar essa mensagem ao professor”.

3 - Pergunta A.1: O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula não é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são convenientes ou necessárias? (Assinalar uma ou mais opções).

3.A – Resposta

Entrevistado	Resposta
DP	d) Por contribuir para ocupar o excessivo tempo livre da criança no final do dia?

3.B - Pergunta Plus:

DP – Afirma que “no final do dia os pais não sabem o que fazer com as crianças”. Refere ainda que “as pessoas pensam nos trabalhos para casa como uma tradição que já vem de muito tarde e as pessoas não conseguem desapegar-se delas”.

4 - Pergunta A.2: Quais são os motivos pelos quais importa que o tempo de aula seja o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas sejam desnecessárias?

4.A - Respostas:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				DP
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				DP
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão				DP

mais predispostas a aprender?				
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	DP			

4.B - Pergunta plus:

DP – Refere que “o professor do primeiro ciclo não pode dividir a sua autoridade com ninguém e por esse motivo só o professor é que pode ensinar e é que pode saber as necessidades de cada aluno”. “Os trabalhos para casa só vão prejudicar o que a criança pode ganhar fora das aulas”.

5 – Pergunta B.1: O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?

5.A - Respostas:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?	EE1	PTT	EE2	EE3
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?	EE1	EE3	PTT EE2	
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?	EE1 EE2 EE3	PTT		
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	PTT EE1 EE2 EE3			

5.B - Pergunta plus:

PTT – Refere que os trabalhos para casa devem ser mandados segundo um “meio-termo”, “mandando trabalhos de casa diariamente, no meu ponto de vista, é contraproducente, não mandar trabalhos de casa nunca também é contraproducente. Deste modo, vamos arranjar um meio-termo que passa por uma rotina de fim de semana em que as crianças

podem gerir o trabalho que têm”. Assim, o professor afirma que no início teve alguma dificuldade em “educar alguns pais nesse sentido porque durante dois anos os pais estavam habituados a ter o fim de semana livre e a fazerem o que quisessem com as crianças”. Relativamente ao ambiente o professor afirma que “ambiente sala de aula oferece um ambiente propício ao estudo, e por vezes em casa há mais objetos de distração” e acrescenta que “em casa eu também acho que é um ambiente propício, claro que os pais também têm um papel imperativo porque têm de criar esse ambiente, um ambiente de silêncio, calma, sem grande movimento e distrações”. Em relação ao tempo letivo diz que “pode parecer extenso mas acaba por não o sê-lo no sentido que eles têm muitos tempos pelo meio de descanso e descompressão”. Mas “pode parecer extenso se houver trabalhos durante a semana”.

EE1 – Afirma que as pessoas são “preguiçosas em casa e dá trabalho às crianças fazerem os trabalhos para casa” e afirma ainda que as pessoas estão “agarradas à comodidade por isso é que é mais fácil as crianças não fazerem os trabalhos para casa”. Em relação à extensão do horário letivo diz que não pensa que seja muito extenso porque “não são todas as horas a estudar”.

EE2 – Não comentou a pergunta.

EE3 – Não comentou a pergunta.

6 – Pergunta B.2: Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

6.A - Respostas:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?			EE1 EE2 EE3	PTT
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?		PTT EE1	EE2 EE3	
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				PTT EE1 EE2 EE3

6.B – Pergunta Plus

PTT – refere que os trabalhos para casa “acaba por ser um reforço, um suplemento no qual a criança está a treinar está a ter mais um estímulo no sentido de acomodar um conhecimento que se calhar está um pouco mal estruturado e em casa com alguma calma e com algum esforço consegue ter outra visão sobre essa matéria”. Afirma que a “responsabilidade é um elemento fundamental para quem tem um trabalho para fazer ao fim de semana e eu noto isso nos alunos no sentido em que muitos, pelo discurso dos pais, apercebo-me que são os próprios alunos a pedir ao pai ou à mãe para irem buscar o trabalho ao e-mail”. Quanto à autonomia afirma os trabalhos para casa estimulam a autonomia “porque a criança tem que estar sentada, os pais têm um papel apenas de monitorizar o trabalho dos filhos portanto os grandes responsáveis são eles, eles é que têm de ser autónomos” e os alunos “têm que sozinhos superar as dificuldades”. Relativamente à autorregulação “eles [os alunos] têm que encontrar a melhor forma ou pelo menos tentar descobrir ou pensar nesse assunto e às vezes pensar no assunto já é bom”. “Claro que tem de haver um trabalho de sala de aula que proporcione isto, não é a criança por si só”. Refere que o “objetivo não passa por desenvolver a criatividade”. Por último, afirma que “os benefícios para mim são mais do que muitos, os aspetos menos positivos praticamente não existem

porque sendo trabalhos só ao fim de semana a criança não fica carregada”.

EE1 – Não justifica as suas respostas.

EE2 – Cita uma frase em latim “Repitie est mater studiorum” que significa que as pessoas têm de repetir muitas vezes os exercícios para os aprenderem.

EE3 – Afirma que os trabalhos para casa “ajudou a criar autonomia, no caso do F. Ajudou-os a ficar um bocadinho mais independentes, pensarem por eles e não recorrerem ao professor”.

7 - Pergunta B.3: Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

7.A – Resposta

Entrevistado	Resposta
PTT, EE1, EE2, EE3	a) Devem ser prescritos unicamente pelo professor titular de turma .
PTT	b) Podem ser prescritos pelo professor titular de turma ou por outro professor de apoio .
Ninguém	e) Podem ser prescritos pelo professor titular de turma ou pelo professor de apoio ou por um adulto da família .

7.B - Pergunta plus:

PTT - afirma que “o professor titular da turma é o elemento chave porque é aquele que conhece os alunos, é aquele que sabe onde é estão as dificuldades, onde estão os aspetos a melhorar”. No entanto, numa situação do professor titular não estar é fundamental que seja outro

professor que esteja dentro do contexto que domine e que conheça a turma a solicitar esses mesmos trabalhos.

EE1 – Afirma que “o professor é que sabe qual é a matéria que está a dar nas aulas. Por essa razão só ele é eu deve prescrever os trabalhos para casa”.

EE2 – Não comentou a pergunta.

EE3 – Afirma que “o professor titular da turma é quem está com eles o tempo todo”.

8- Pergunta B.4: Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

8.A - Resposta:

Entrevistado	Resposta
	e) Podem ser prescritos pelo professor titular de turma ou pelo professor de apoio ou por um adulto da família .
EE1	f) A criança precisa da proximidade do professor titular para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.
	g) A criança precisa da proximidade de um professor de apoio (não necessariamente o professor titular) para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.
PTT, EE2, EE3	h) A criança precisa da proximidade de um adulto (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

6.B - Pergunta Plus:

PTT – Afirma que os trabalhos de casa são “tarefas para que os alunos consigam realizar autonomamente”. Mas afirma que “um adulto

para dizer o que está bem ou o que está mal feito isso é fundamental e qualquer um pode fazê-lo”.

EE1 – Afirma que “o aluno tem de realizar trabalhos sozinho para perceber se entendeu a matéria dada pelo professor e para perceber se tem dúvidas para serem esclarecidas pelo professor”. Além disso, “o professor também tem de saber se o aluno entendeu a matéria que foi dada na aula”.

EE2 – Não comentou a pergunta.

EE3 – Afirma que “o professor titular de turma é a pessoa mais competente para corrigir os trabalhos”.

9– Pergunta 5: Quando é que faria os trabalhos de casa? Tempo de lazer.

EE1 – Afirma que “não se deve subcarregar os alunos com trabalhos de casa mas também não se deve não mandar, tem-se de encontrar um meio-termo”. Afirma ainda que os trabalhos para casa “não devem ser mandados todos os dias mas sim em vários momentos como para revisões de um teste ou para completar conhecimentos”.

EE2 – Afirma que “não, de maneira nenhuma. Há que saber organizar o tempo com proveito, e é importante que desde pequenos as crianças saibam priorizar as tarefas/brincadeiras”.

EE3 – Afirma que “se o tempo for bem gerido, se as coisas forem bem divididas (...) eles têm tempo para brincar”.

10 - Análise interpretativa

10.A - Pergunta inicial:

As respostas à pergunta inicial permitiram diferenciar com absoluta clareza a opinião da Diretora Pedagógica e dos restantes entrevistados.

- A Diretora Pedagógica é, assumidamente, contra os trabalhos de casa referindo que o tempo de aulas (as 25 horas semanais) é suficiente para as crianças e que as crianças não devem sair da escola e continuar a fazer atividades escolares.

- Os restantes quatro entrevistados (o professor titular de turma e os encarregados de educação) são a favor dos trabalhos para casa: três deles dizem que esse trabalho é indispensável e um afirma que é conveniente. Estes concordam que os trabalhos de casa servem para as crianças consolidarem conhecimentos que aprenderam nas aulas e para que, autonomamente, consigam avaliar se perceberam os conteúdos abordados nas aulas.

10.B - Perguntas A.1 e B.2:

Estas perguntas A.1 e B.2 podem ser analisadas em conjunto porque o seu conteúdo é igual e tem como objetivo perceber a finalidade, o para que é que os trabalhos para casa são importantes.

Para melhor interpretar os dados podemos juntar as respostas das duas perguntas numa só tabela:

- A Diretora Pedagógica critica que os trabalhos para casa a que só reconhece a finalidade de que devem ocupar o tempo livre das crianças no fim do dia, porque muitos pais não sabem o que fazer com as crianças nessas horas. Aliás, julga que os trabalhos para casa existem mais pelo peso de uma tradição a que as pessoas estão habituadas a eles.

- Os outros entrevistados concordam em que o papel mais importante dos trabalhos para casa é o desenvolvimento da autonomia, da responsabilização e da autorregulação dos comportamentos. Mas, também concordam na importância dos trabalhos para casa como reforço das aprendizagens das aulas. Existe uma pequena divergência no que diz respeito ao desenvolvimento da criatividade. O encarregado de educação 1 e o professor titular de turma referem que é pouco importante enquanto que o encarregado de educação 2 e o encarregado de educação 3 referem que é importante.

10.C - Perguntas A.2 e B.1:

Estas perguntas também podem ser analisadas em conjunto. Para isso juntamos as respostas numa só tabela:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?	EE1	PTT	EE2	DP EE3
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?	EE1	EE3	PTT EE2	DP
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?	EE1 EE2 EE3	PTT		DP
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	DP PTT EE1 EE2 EE3			

Nestas perguntas existe uma concordância entre todos os entrevistados no que diz respeito ao horário letivo muito extenso para a idade das crianças. Os entrevistados não creem que esta seja uma razão para as pessoas não concordarem com trabalhos para casa.

No que diz respeito ao ambiente apropriado para a realização dos trabalhos para casa a Diretora Pedagógica afirma que é sobretudo por

esse facto que as crianças não devem levar trabalhos para casa porque, nem todas as crianças têm as mesmas possibilidades em casa. Os restantes entrevistados referem que as crianças conseguem trabalhar em casa e que o ambiente não é um motivo importante para não haver marcação de trabalhos para casa.

Relativamente ao tempo de lazer das crianças e das crianças com os pais, a Diretora Pedagógica pensa que os trabalhos para casa prejudicam esse tempo enquanto que os restantes entrevistados se dividem nas respostas, mas, de um modo geral, não pensam que essa é a razão para não existirem trabalhos para casa.

Nas perguntas plus é interessante referir que o encarregado de educação 1 referiu que os pais estão acomodados e que é mais fácil para eles não existirem trabalhos para casa.

10.D - Pergunta B.3

Todos os entrevistados responderam que quem deve prescrever os trabalhos para casa é o professor titular de turma porque é ele quem conhece a turma e as suas necessidades. Além disso o Professor Titular afirma que o professor de apoio também tem capacidades e conhecimentos para prescrever os trabalhos para casa quando o professor titular de turma não está presente.

10.E - Pergunta B.4

Os entrevistados responderam que a criança precisa da proximidade de um adulto porque apesar da criança realizar os trabalhos para casa sozinha precisa sempre que alguém corrija os seus erros. Em contrapartida o encarregado de educação 3 refere que a criança precisa da proximidade do professor titular de turma porque é a pessoa mais competente para corrigir os trabalhos para casa.

10.F - Pergunta 5

De uma maneira geral os encarregados de educação entrevistados concordam que os trabalhos para casa não interferiram na rotina do fim

de semana. Concordam que os pais têm de saber gerir o seu tempo e que se assim for conseguem fazer tudo o que planearam (trabalhar, brincar e passear).

11- Grelhas

Para a realização deste trabalho sentimos necessidade de registar as crianças que realizaram os trabalhos de casa e as crianças que não o fazem e comparar com o nível de motivação e de competência que a criança tem dentro da sala de aula. Neste sentido estruturamos duas grelhas.

Apesar do tempo para a realização das grelhas ter sido muito curto pensámos que seria interessante fazer esta análise para verificamos se de facto os trabalhos de casa fazem com que as crianças se sintam mais motivadas na sala de aula. E também parecia interessante poder apurar quais são os efeitos que os trabalhos para casa podem ter no tempo de aulas das crianças.

Quando as grelhas ficaram preenchidas, quantificamos os dados e organizamo-los em tabelas onde se ilustra os dados das grelhas. Os dados estão organizados em duas tabelas (que se encontram no anexo 4), uma corresponde à semana 1 e a outra corresponde à semana 2. Além disso organizámos uma terceira tabela(anexo 4) para comparar a média dos trabalhos feitos nas duas semanas assim como a média da motivação e do nível de competência.

As tabelas têm as mesmas variáveis:

- Os nomes das crianças: por causa da sua privacidade usamos só as iniciais de cada nome da criança;

- Os trabalhos de casa feitos: nesta varável utilizamos o número “0” para as crianças que não realizaram nenhum trabalho para casa, o “1” para as crianças que fizeram os trabalhos para casa mas não os acabaram e o “2” para as crianças que realizaram todos os trabalhos para casa.

- Com quem: esta variável não é quantitativa mas sim qualitativa e serve para sabermos se a criança realizou os trabalhos para casa sozinha ou acompanhada. O “a” serve para indicar que as crianças realizaram os trabalhos para casa acompanhadas e o “s” serve para indicar que as crianças realizaram os trabalhos sozinhas.

- Motivação: esta variável está dividida pelos dias da semana (segunda, terça, quarta, quinta, sexta). Para quantificar esta variável utilizamos números, o “0” indica que a criança não esteve nada motivada na sala de aula durante o dia, o “1” indica que a criança esteve um pouco motivada na sala de aula durante o dia e o “2” indica que a criança esteve muito motivada na sala de aula durante o dia.

- Nível de competência na matemática /português /estudo do meio: nesta competência é indicado se a criança esteve atenta e se compreendeu e realizou as atividades propostas pelo professor. Mais uma vez a legenda serve para ilustrar o nível de competência de cada criança. O “0” indica que a criança não esteve com competência para a realização das atividades na sala de aula, o “1” indica que a criança teve um pouco de competência para a realização das tarefas na sala de aula e o “2” indica que a criança teve muita competência para a realização das tarefas na sala de aula.

12 – Análise das tabelas

Os resultados obtidos com as grelhas de observação, de que falámos no capítulo 2 alínea 5, encontram-se no anexo 3. As tabelas em que foram introduzidos os dados das grelhas encontram-se no anexo 4.

A análise dessas tabelas permite-nos listar os seguintes dados:

- Crianças da turma: 22
- Crianças que foram contadas para o estudo: 19
- Crianças que não se contou para o estudo porque faltaram numa das duas semanas: 3
 - Crianças que realizaram os trabalhos na totalidade: 9
 - Crianças que realizaram parte dos trabalhos: 7
 - Crianças que não realizaram os trabalhos: 3

Comparando estes dados com o nível de motivação e de competência analisámos os seguintes dados:

- Das 9 crianças que realizaram os trabalhos, prescritos pelo professor para realizarem no fim de semana, na totalidade 4 têm o nível máximo de motivação, 3 crianças aproximam-se do nível máximo de motivação e as restantes estão menos motivadas.
- Estas crianças a nível de competência na matemática 2 têm o nível máximo de competência e 5 aproximam-se desse nível.
- O nível de competência no português 3 destas crianças apresentam o nível máximo de competência e 5 aproximam-se desse nível.
- O nível de competência no estudo do meio 4 crianças apresentam níveis máximos de competência e 4 aproximam-se desses níveis.
- Das crianças que só realizaram parte das tarefas nenhuma tem o nível máximo de motivação mas 2 crianças aproxima-se a esse nível.

- Destas crianças 1 tem o nível máximo na competência na matemática mas nenhuma criança se aproxima desse nível.
- No nível de competência no português nenhuma criança tem o nível máximo de competência e uma aproxima-se desse nível.

- No nível de competência no estudo do meio 1 criança tem o nível máximo e 2 aproximam-se desses níveis.
- Em relação às crianças que não realizaram os trabalhos prescritos pelo professor (3) nenhuma teve o nível máximo de motivação na sala de aula mas 1 delas teve o nível máximo nas competências de português e estudo do meio.

Atendendo aos limites da observação realizada (apenas uma turma e apenas em duas semanas) e ao reduzido número de alunos que não realizaram os trabalhos para casa (3 dos 19 alunos que frequentaram as aulas nas duas semanas), reduziu o valor que pudesse ser alcançado com esta observação.

Na verdade, pode parecer que as crianças que realizam as atividades que o professor prescreve para o fim de semana têm um nível de motivação e de competência maior que as crianças que não realizam esse trabalho. No entanto, é abusivo formular uma conclusão consciente com base nesta observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório foi elaborado para a unidade curricular de Prática do Ensino Supervisionado, com base no estágio de três meses realizado numa pequena instituição próxima de Lisboa.

O tema que escolhemos para a realização deste trabalho foi os trabalhos para casa, mais concretamente, onde é que reside o seu carácter problemático. Por outras palavras, o que pretendíamos era perceber quais são os pontos comuns e os pontos divergentes que existem quando se debate a necessidade ou não dos trabalhos para casa.

O estudo centra-se no caso que encontrei no meu local de estágio onde existia uma nítida divergência entre a Diretora Pedagógica e o Professor Titular de turma. A Diretora Pedagógica não concorda com os trabalhos para casa e, por essa razão, a instituição tem como opção não enviar trabalhos para casa às crianças. Por outro lado, o Professor Titular de Turma onde estive a estagiar é a favor dos trabalhos para casa e, por essa razão, envia atividades escolares para as crianças as realizarem aos fins de semana.

Após uma fase inicial de pesquisa, descobrimos que os trabalhos para casa são um tema que é objeto de legislação em vários países, como por exemplo a Finlândia, Dinamarca, Luxemburgo, França, Grécia e alguns estados federais da Alemanha (Pires, 2012) e que é frequentemente objeto de análise e debate, quer seja em teses, artigos científicos nacionais e em jornais, ou outros espaços de debate público.

Além disso, as controvérsias sobre os trabalhos para casa não são novas: quanto ao local onde os trabalhos para casa são realizados, quanto à ocupação do tempo de lazer das crianças e em relação à quantidade de atividades que são prescritas pelo professor.

A pesquisa bibliográfica e a análise do debate público sobre os trabalhos para casa mostrou-nos que existem muitas definições do que são os trabalhos para casa mas não nos dão uma pista do porque é que os trabalhos de casa são motivo de tanta controvérsia. Por esta razão surgiu-nos a pergunta que deu título ao trabalho: onde é que reside o carácter problemático dos TPC?

Posta esta pergunta surgiram-nos mais três que nos permitem ajudar a responder à pergunta principal:

- Será que as discussões sobre os TPC são extremas, sem qualquer ponto de entendimento comum?

- Ou existem aspetos do TPC que mereçam o consenso generalizado dos que a eles aderem e dos que se opõem? Quais?

- E dos focos em que há divergência, existem alguns fatores que sejam mais relevantes do que outros? Quais?

Para encontrar resposta a estas questões, em primeiro lugar realizámos uma consulta da literatura científica que nos permitiu observar quais os pontos divergentes dos diversos autores. Assim, num segundo momento, foi-nos possível entender as melhores opiniões divergentes encontradas no local onde estagiei para aferir se as diferentes opiniões existentes na instituição correspondem aos elementos identificados nos referenciais teóricos.

Começámos por, nos debruçar sobre a própria expressão de “trabalho para casa”, porque reparamos que nas diversas línguas, e mesmo na língua portuguesa, existe alguma disparidade nos vocábulos com que são nomeados. Descobrimos que nas línguas do Português do Brasil, no Espanhol e no Francês, as definições de “trabalhos para casa” se focam no carácter obrigatório, ou seja no “dever”, enquanto que outras línguas como o Português de Portugal, no Italiano, no Inglês e no Alemão, se focam mais no “espaço” onde os trabalhos devem ser realizados: “em casa”, “de casa”.

A conjugação da definição nominal dos trabalhos para casa com a leitura realizadas, permitiram-nos propor uma definição real dos trabalhos para casa.

“O trabalho para casa é o conjunto de atividades escolares que o
--

professor prescreve para serem realizadas pelos alunos fora da aula como estratégia de aprendizagem.”

Avançamos com esta definição porque nos permite identificar os parâmetros que caracterizam os trabalhos para casa: as atividades, os protagonistas, o local onde são realizados e quais são as suas finalidades.

Segundo a nossa pesquisa esta parece ser a definição que é mais consensual entre todos. No entanto podem-se encontrar algumas zonas divergentes. Com efeito, os autores consultados concordam em que os trabalhos de casa são “atividades escolares” e são uma continuação dos trabalhos realizados nas aulas. Mas os outros parâmetros enumeram pontos nebulosos e potencialmente polémicas.

No que diz respeito ao protagonismo nos trabalhos de casa os autores consultados não têm dúvidas de que são os professores que os prescrevem e os alunos que os realizam. No entanto, se não existem dúvidas sobre os protagonistas principais (professor e alunos), existem divergências sobre os protagonistas secundários e em concreto, sobre o papel dos encarregados de educação. Por um lado alguns autores afirmam que os pais têm um papel importante na qualidade de realização das tarefas dos filhos e que conseguem motivá-los para a aprendizagem, além de que os trabalhos para casa também permitem aos pais terem uma perceção do que os filhos aprendem nas aulas e permitem, muitas vezes, propiciar um tempo de afeto e carinho entre os pais e as crianças. Mas, por outro lado, os pais, devido às suas vidas stressantes, podem não ter disponibilidade para ajudar os filhos. Mais: alguns pais podem ter um nível cultural deficitário e não se sentirem capazes de ajudar os filhos. São inconvenientes que podem gerar a desmotivação das crianças e fazer com que o tempo que os pais passam com os filhos se torne um tempo de tortura e de conflito.

O tempo e o local onde os trabalhos para casa são realizados também podem explicar alguma das divergências apesar dos autores concordarem que estas tarefas são realizadas fora do tempo de aulas e não necessariamente fora do local de sala de aula. A controvérsia está,

pois, no local onde os trabalhos são realizados. Alguns autores referem que estas atividades devem ser realizadas na escola, outros não têm uma opinião assim tão vincada dizendo que os trabalhos para casa são realizados “geralmente” ou “preferencialmente” em casa. Existem, ainda, outros autores que afirmam que os trabalhos para casa são para serem realizados obrigatoriamente em casa.

Em relação à finalidade dos trabalhos para casa, foi possível apurar que os autores consultados, assinalam três motivos pelos quais os trabalhos para casa constituem uma estratégia de aprendizagem:

1.º) Os trabalhos para casa reforçam o que se aprendeu na aula. Isto quer dizer que os trabalhos para casa proporcionam oportunidades adicionais de aprendizagem e servem para as crianças reverem e consolidarem aprendizagens adquiridas nas aulas.

2.º) O trabalho para casa, além de reforçar os conhecimentos, também permite o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças e possibilitam o pensamento divergente. Isto é, os trabalhos para casa devem desenvolver a imaginação e a criatividade.

3.º) Os trabalhos para casa propiciam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia e autorregulação. Isto quer dizer que os trabalhos para casa fazem com que a criança consiga organizar o seu tempo e organizar as suas rotinas autonomamente. Assim, a criança cria os seus hábitos de trabalho, permite que as crianças alcancem os seus objetivos, melhorando o seu rendimento escolar.

Para a realização deste relatório utilizamos uma investigação qualitativa porque queríamos perceber e interpretar o fenómeno observado ao longo do estágio: a opinião divergente entre a Diretora Pedagógica e o Professor Titular de Turma no que diz respeito aos

trabalhos para casa. Por esta razão a nossa escolha foi uma investigação qualitativa porque se interessa mais pela investigação do processo que pelo resultado final.

Para esta investigação pensámos que o método estudo de caso era o mais aconselhado e como instrumentos optámos por entrevistas semiestruturadas e pelas observações orientadas por sistemas categoriais organizadas em grelhas de observação:

- Escolhemos o estudo de caso porque o nosso caso, apesar de haver muitos outros semelhantes, é único: o caso de numa instituição haverem duas opiniões divergentes sobre os trabalhos para casa.

- O principal instrumento para a nossa investigação foi a entrevista semiestruturada realizada à Diretora Pedagógica, ao Professor Titular de Turma e a três Encarregados de Educação. Escolhemos este tipo de entrevista porque nos dava uma maior perceção das opiniões dos entrevistados nos permitia avaliar a própria estrutura da entrevista.

- Foi também usado um instrumento secundário (as grelhas de observação) em que pretendíamos recolher informações sobre se os trabalhos para casa influenciavam o nível de motivação e de competência das crianças na sala de aula. Este instrumento não revelou ser suficientemente significativo.

A análise das entrevistas à Diretora Pedagógica, ao Professor Titular de Turma e aos Encarregados de Educação permitiu-nos concluir que, certamente, a Diretora Pedagógica é assumidamente contra os trabalhos feitos fora do tempo de aulas e que se existem pessoas que concordam com eles será porque servem para manter as crianças ocupadas no final do dia e porque é uma tradição. Além disso afirma que o ambiente fora da sala de aula não é propício a realizar atividades

escolares e que os trabalhos para casa prejudicam o tempo de lazer das crianças e dos pais com as crianças.

Por sua vez o Professor titular de turma e os Encarregados de Educação defendem os trabalhos para casa como sendo uma mais-valia para as crianças, porque reforçam o que já foi aprendido nas aulas e sobretudo porque desenvolvem a autonomia, a responsabilização e a autorregulação. Os entrevistados concordam que os trabalhos de casa têm que ser prescritos pelo professor titular de turma porque é ele que conhece a turma e que conhece as suas necessidades. Além disso, pensam que a criança, apesar de ter que realizar as atividades escolares fora de aulas autonomamente precisa sempre que o adulto corrija e tire as dúvidas que apareçam na sua realização.

Mais: os Encarregados de Educação estão em acordo quando afirmam que os trabalhos para casa não interferem na rotina do fim de semana porque os pais e as crianças têm de saber gerir o tempo. Aliás, todos concordam que o horário letivo não é muito extenso para a idade das crianças.

Mas, apesar da vincada opinião da Diretora Pedagógica sobre a não realização dos trabalhos para casa, o certo é que na instituição existem e que a própria Diretora Pedagógica os defende. Com efeito, o facto de que a instituição tenha um tempo de Estudo Acompanhado, como momento onde as crianças realizam atividades escolares que são prescritas pelo professor titular de turma. Por esta razão, o Estudo Acompanhado corresponde na sua essência aos trabalhos para casa tal e como foi por nós definido.

Logo, a Diretora Pedagógica não mostra ser tão contrária aos trabalhos para casa como parece, mas sim contra o local (em casa) onde estes são realizados porque, segundo ela, podem prejudicar o tempo de lazer das crianças e dos pais. Reforçando a ideia, a Diretora Pedagógica é a favor de que a criança realize “atividades escolares”, como a definimos neste trabalho. Apenas não concorda com que o local da realização dos trabalhos para casa seja em casa e que possa prejudicar o tempo de lazer da criança e de convívio familiar.

Por hipótese, a aparente contradição que encontramos não seja único. É possível que este caso seja comum a quantos se revelam contra os trabalhos para casa. talvez estejam todos de acordo em que o tempo de aulas regulares dá espaço para que as crianças realizem atividades escolares sem prejudicar os tempos de brincadeiras e vida familiar.

Pode ser que todos entendam a utilidade de os professores prescrevem atividades de reforço das aprendizagens e concordem no benefício dos trabalhos para casa no desenvolvimento da autonomia das crianças. É bem provável que a contradição se concentre às condições de lugar e tempo. Tudo isto é possível. E é possível servir de ponto de partida para a elaboração de um inquérito que nos permita conferir esta hipótese num universo de opiniões mais alargada do que o caso que aqui nos ocupou.

Isso tudo, talvez sim. Mas, talvez. Fica um desafio para uma outra investigação.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, I., Sequeira, A.P. e Escoval, A. (1990), *Ideias e Histórias – contributo para uma educação participada*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Afonso, N. (2005), *Investigação Naturalista em Educação Um guia prático e crítico*, Lisboa: ASA Editores.
- Azevedo, M., (2011), *Teses Relatórios e Trabalhos Escolares*, 8.º ed., Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994), *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora.
- Hernández, R., Martínez, R. e Risueño, V. (2004) *La pequeña historia de los deberes. Y en Europa qué?*, Confederación Española de Asociaciones de Padres de Alumnos (CEAPA), 72, 16-19.
- Meirieu, P. (1995), *Os Trabalhos de Casa*, Lisboa: Editorial Presença.
- Pinto, C. Almeida, V. (2003), *Pais e Escolas parceria para o sucesso – Os trabalhos para casa: da difícil fronteira entre a escola e família*, edições ISET.
- Pires, S.I.L. (2012), *Os Trabalhos Para Casa No 1.º Ciclo do Ensino Básico – A visão das Crianças e dos Pais*, Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Castelo Branco – Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Rosário, P. et al (2008), *Trabalho de casa autoeficácia e rendimento em matemática – trabalho de casa*, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPP) volume 12, nº 1. P. 23 – 35.
- Sousa, A. B. (2009), *Investigação em Educação*, 2.º ed., Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, R.M.F.M. (2009), *Etapas Processuais do Trabalho de Casa e Efeitos Auto-regulatórios na Aprendizagem do Inglês: Um estudo com diários de TPC no 2.º Ciclo do*

Ensino Básico, Tese de Doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.

Legislação

- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. *Diário da República N.º 129/2012 – 1.ª série*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.
- Despacho normativo n.º 24-A/2012, de 6 de dezembro. *Diário da República N.º 236/2012 – 2.ª série*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Netgrafia

- Arrizabalaga, M. (2012), *Europa sí hace deberes*, 22 de fevereiro de 2013, de <http://www.abc.es/20120930/familia-educacion/abci-europa-hace-deberes-201209271240.html>.
- Consejo Escolar de Navarra (2011), *Informe sobre “Las Tareas Escolares”*, recuperado no dia 5 de março de 2013, de <http://consejoescolar.educacion.navarra.es/attachments/articulo/205/Informe%20Tareas%20escolares.pdf>.
- Henriques, M. (2006), *Os trabalhos de casa na escola do 1º ciclo da Luz: estudo de casa*, 5 de março de 2013, de <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/298/254>.
- Leal, L. (2012), *Cresce a oposição aos TPC*, 23 de fevereiro de 2013, de <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=598842&tm=8&layout=122&visual=61>.
- Lopes, M. (2012), *Pais e investigadores dividem-se quanto à importância dos TPC*, 25 de fevereiro de 2013, de <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/pais-e-investigadores-dividemse-quanto-a-importancia-dos-tpc-1541238>.

- Margenat, M., Gomez, C., Passola, M. (2004), *Los deberes escolares*, 22 de fevereiro de 2013, de <http://aula.grao.com/revistas/aula/135-educacion-y-tecnologias-de-la-excepcionalidad-a-la-cotidianeidad/cuales-son-los-objetivos-de-los-deberes-escolares>.
- Pérez-Barco M.J. (2012), *En defensa de los deberes escolares*, 22 de fevereiro de 2013, de <http://www.abc.es/20120413/familia-educacion/abci-defensa-deberes-201204131045.html>.
- Resende, T. (2008), *Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa*, 22 de fevereiro de 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/14.pdf>.
- Rosário, P. et al (2005), *Trabalhos de casa, tarefas escolares, autorregulação e envolvimento parental*, 22 de fevereiro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000300002&script=sci_arttext.
- Tornaría, M. et al. (2009), *Los deberes escolares n el marco de las relaciones familia – escuela*, 22 de fevereiro de 2013, de http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-40942009000200010.

Anexos

(Anexo 1) Informe sobre “Las Tareas Escolares”



Consejo Escolar de Navarra - Junta Superior de Educación
Nafarroako Eskola Kontseilua - Hezkuntzako Batzorde Nagusia

INFORME SOBRE “LAS TAREAS ESCOLARES”

Aprobado por el pleno del Consejo Escolar de Navarra el 21 de junio de 2011

C/Isidoro, nº 7-1º B
31006 PAMPLONA-IRULEÑA
Tfno: 948 15 42 33
E-mail: consejo.escolar@navarra.es



El Consejo Escolar de Navarra / Junta Superior de Educación, en la sesión plenaria celebrada el 21 de junio de 2011 aprobó el siguiente

INFORME SOBRE "LAS TAREAS ESCOLARES"

Antecedentes

Con fecha 18 de noviembre de 2010, el Defensor del Pueblo de Navarra remitió un escrito al Consejero de Educación y a la Presidenta del Consejo Escolar de Navarra en el que les trasladaba la preocupación que le habían expresado algunos padres y madres en relación con las tareas escolares que realiza el alumnado de educación primaria y secundaria fuera del centro escolar, y les trasladaba también diversa documentación presentada por los autores de la propuesta. En el mismo escrito, el Defensor del Pueblo sugería que: *"desde el Departamento de Educación, en colaboración y coordinación con el Consejo Escolar de Navarra, se impulse un debate social en el que, con la participación de los distintos representantes de la comunidad educativa (alumnos, padres, profesores) y de otros expertos, se reflexione sobre la conveniencia y, en su caso, volumen, de las tareas escolares que se manda realizar a los alumnos en casa, la procedencia o no de su calificación académica, la incidencia que el desarrollo de estas tareas tiene en la vida familiar y en la propia del menor, así como sobre la necesidad de que dichas tareas se desarrollen exclusivamente en el centro escolar"*.

Texto para debate

Es el de las tareas escolares un asunto que causa controversia y no solo en nuestro entorno educativo más inmediato. El debate pedagógico sobre la conveniencia de que el profesorado asigne trabajo al alumnado para ser realizado fuera del aula y de la jornada escolar, lo que denominamos habitualmente como tareas escolares o deberes, está abierto en muchos sistemas educativos a nivel mundial. De hecho, hay especialistas en pedagogía que argumentan que la eficacia de las tareas escolares es nula o muy escasa, porque son casi siempre realizadas con ayuda externa, bien sea de familiares o de compañeros o compañeras. Consideran que supone una sobrecarga de trabajo para un alumnado fatigado por la jornada escolar y una pérdida de tiempo para el profesorado ocasionada por la corrección de las tareas. Hay quienes proponen la eliminación de las tareas y de forma radical sostienen que no existe ningún estudio que demuestre que los deberes favorecen la autonomía del alumnado ni que beneficien su desarrollo intelectual.

Sin embargo, también hay numerosas personas especialistas que consideran que las tareas escolares permiten inculcar hábitos y actitudes relacionados con la capacidad de trabajar por su cuenta, formar un sentido de responsabilidad por el aprendizaje, autodisciplina, manejo del tiempo, desarrollar la iniciativa, el gusto por los estudios e independencia para resolver los problemas. Que sirven de instrumento para conocer más profundamente a los alumnos y alumnas con la finalidad de impulsarlos a trabajar de acuerdo con sus capacidades, detectar sus debilidades para trabajar en ellas, para incentivarlos a desarrollar su creatividad y que aprendan a desarrollar de forma planeada y organizada trabajos individuales y en equipo. Asimismo, permiten a las familias que se involucren más directamente en la labor educativa que se está llevando a cabo en los centros docentes con sus hijos e hijas.

Romper con la controversia esbozada en los párrafos anteriores es tarea compleja que requeriría de estudios serios en el ámbito de la educación, que tuvieran en cuenta numerosos aspectos que confluyen en la tarea educativa. Sin embargo, es un hecho que las tareas escolares o deberes están arraigados en nuestro entorno escolar de forma secular. El informe del Consejo Escolar de Navarra "La jornada de los escolares" (2009), señala que el alumnado de

Navarra emplea en estudiar y hacer trabajos escolares en casa una media de 1 hora y 38 minutos diarios en 6º de Primaria y 1 hora y 48 minutos diarios en 3º de la ESO. Sólo un 1,7% del alumnado de estos niveles no estudia ni hace tareas en casa, un tercio (32,9%) dedica un máximo de una hora diaria, la mitad del alumnado (50,7) dedica entre hora y media y dos horas y media, y el 11,6% dedica tres y más horas diarias.

Parece que, en principio, existe el consenso en nuestra comunidad docente de que las tareas escolares sirven para inculcar al alumnado el valor del esfuerzo personal y de la responsabilidad en su formación y educación.

Por todo ello, se considera conveniente formular una serie de principios básicos sobre las finalidades y características que deben tener las tareas escolares, de modo que ayuden a enfocar bien y a racionalizar la referida asignación de trabajo al alumnado para ser realizado fuera del aula y de la jornada escolar.

Finalidades. Las tareas escolares deben servir para:

- Afianzar y aumentar el aprendizaje, favoreciendo su práctica, aplicación o transferencia a diferentes contextos.
- Preparar contextos de aprendizaje estimulantes mediante la anticipación de conocimientos o materiales previos.
- Impulsar la capacidad de trabajo autónomo, la iniciativa personal y el interés y la curiosidad por el conocimiento.
- Impulsar la capacidad de trabajo en grupo
- Fomentar los buenos hábitos de estudio y de trabajo personal, la organización del tiempo, la disciplina y la responsabilidad.
- Promover la participación e implicación de la familia en el proceso de aprendizaje de sus hijos e hijas, y el diálogo entre familias y profesorado.
- Favorecer la individualización de la enseñanza

Características

- Deben estar planificadas y coordinadas por el equipo docente, en el ámbito de la autonomía de los centros, garantizando su graduación, su ajuste en extensión y dificultad, su vinculación con los objetivos de cada nivel y el equilibrio entre las diferentes materias.
- Deben ser adecuadas, en cuanto a dificultad y tiempo requerido, a la edad del alumnado, a su nivel educativo y a su momento evolutivo.
- Deben tener en cuenta las necesidades individuales de cada alumno o alumna, priorizando los aprendizajes básicos instrumentales.
- Deben ser motivadoras y fomentar el interés y el gusto por aprender.
- Deben estar expresadas de forma clara y precisa, tanto para el alumno o alumna como para su familia.
- Deben ser revisadas, corregidas y tenidas en cuenta en el proceso de enseñanza y aprendizaje del alumnado.
- No deben reemplazar las clases ni ser impuestas como castigo o medida disciplinaria.
- No deben generar, por su volumen, estructura o forma, elementos discriminatorios para los grupos socialmente desfavorecidos.
- Deben tener en cuenta las necesidades de descanso del alumnado en los periodos festivos y vacacionales.

Pamplona, 21 de junio de 2011

Vº Bº
La Presidenta

El Secretario

Teresa Uoar Echagüe

Antonio Iriarte Moncayola

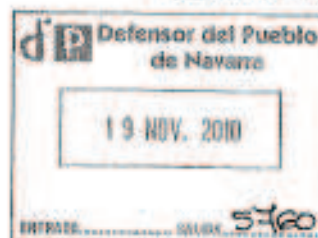
Anexo: Comunicación del Defensor del Pueblo

Expediente P37/10
Pamplona, 18 de noviembre de 2010



**Defensor del Pueblo
de Navarra**
Nafarroako Arartekoa

Doña Teresa Úcar Echagüe
Presidenta del Consejo Escolar de Navarra
consejo_escolar@cfnavarra.es



Estimada Presidenta del Consejo Escolar:

El motivo de esta carta es trasladarle la preocupación que me han expresado algunos padres y madres en relación con las tareas escolares que realizan los alumnos de educación primaria y secundaria fuera del centro escolar.

Según la información que me han hecho llegar los padres y madres con los que he tenido la ocasión de entrevistarme, en la mayoría de los centros escolares de Navarra, el volumen de tareas, trabajos o estudio que los alumnos realizan en casa exige una dedicación media diaria de 1,7 horas. Este dato coincide con el que recogen las conclusiones del informe del Consejo Escolar de Navarra denominado "La Jornada de los Escolares de Navarra", elaborado en diciembre de 2009, tras la consulta de esta y otras cuestiones, en 87 centros de primaria y ESO (un 64% públicos y un 36% concertados).

La preocupación que me trasladan estos padres es que la realización de las tareas escolares fuera del centro escolar se produce tras una extensa jornada escolar (aproximadamente ocho horas para los alumnos que hacen uso del comedor), y supone una apropiación del escaso tiempo del ámbito familiar, que escasamente llega a las tres horas diarias. Exponen, que las familias, tanto los padres como los hijos, tienen derecho al tiempo libre de ocio fuera del ámbito colegial.

Añaden, que en la práctica, los alumnos no realizan las tareas solos, sino que precisan, sobre todo los alumnos de primaria y primeros cursos de secundaria, del apoyo de sus padres en el desarrollo y resolución de los trabajos y tareas, lo que da lugar a desigualdades entre unos alumnos y otros.

Emilio Anieto, 12 • 31001 Pamplona-Iraba
Tfno.: 948 20 35 71 • Fax: 948 20 35 49
E: info@defensoranavarra.com • www.defensoranavarra.com

Esta desigualdad se produce desde el momento en que no todos los padres y madres disponen del mismo tiempo, ni de los mismos conocimientos o del mismo nivel cultural para ayudar a sus hijos en el desarrollo de las tareas escolares; tareas que, por otra parte, son calificadas por los profesores y forman parte del expediente académico. Además, los padres no dominan ni las metodologías del currículo que se imparte, ni, obviamente, están obligados a hacerlo. Por ello, consideran imprescindible, para una educación en condiciones de igualdad, que sean los profesores, por su preparación y cualificación profesional, los que impartan los conocimientos técnicos que exige el currículo de las distintas enseñanzas.

Por otra parte, si la calificación de las tareas realizadas en casa se consigna en los criterios de calificación de una asignatura y media con las notas recogidas en clase, el profesor está realmente calificando un trabajo sobre el que no tiene garantía de su realización por el alumno o alumna.

La pretensión de estos padres y madres no es desentenderse de sus obligaciones, ni de sus responsabilidades, sino, por el contrario, pretenden tener tiempo para abordar de forma adecuada la relación con sus hijos, su desarrollo, su educación, sus actividades académicas, extra-académicas y de ocio con tranquilidad y dedicación; pero libremente, sin exigencias ni imposiciones.

Su propuesta parte de la necesidad de poder disfrutar y educar en familia a sus hijos e hijas, de poder trabajar en otras competencias y aspectos de la vida que permitan un desarrollo íntegro de la personalidad de sus hijos desde la perspectiva familiar (y no tan mayoritariamente colegial), como son: relacionarse, cultivar sus aficiones, el tiempo de ocio, tiempo para la cultura y espectáculos, realizar tareas de la vida doméstica y familiar, y educarlos en los valores y principios básicos que la familia defiende.

Por todo ello, me ha parecido oportuno trasladarle esta inquietud y, a la vista de su razonabilidad, sugerirle que: *"desde el Departamento de Educación, en*

colaboración y coordinación con el Consejo Escolar de Navarra, se impulse un debate social en el que, con la participación de los distintos representantes de comunidad educativa (alumnos, padres, profesores) y de otros expertos, se reflexione sobre la conveniencia y, en su caso, volumen, de las tareas escolares que se manda realizar a los alumnos en casa, la procedencia o no de su calificación académica, la incidencia que el desarrollo de estas tareas tiene en la vida familiar y en la propia del menor, así como sobre la necesidad de que dichas tareas se desarrollen exclusivamente en el centro escolar".

Le quedaría muy agradecido si me hiciera llegar la posición del Consejo Escolar de Navarra respecto a esta sugerencia en el plazo máximo de dos meses, a efectos de lo dispuesto en el artículo 34 de la Ley Foral 4/2000, de 3 de julio, del Defensor del Pueblo de Navarra. Le informo que también he remitido la sugerencia al Departamento de Educación.

Le adjunto diversa documentación presentada por los autores de la propuesta.

Le agradezco de antemano su atención y el interés que pueda mostrar en este asunto.

Atentamente,

El Defensor del Pueblo de Navarra

Nafarroako APartekoa

Francisco Javier Enériz Olaechea

ANÁLISIS SOBRE LA INCIDENCIA DE LA TAREA ESCOLAR EN CASA

ALUMNOS	PROFESORES	FAMILIAS	SOCIEDAD
<p>Los alumnos permanecen en el centro escolar (contando con el tiempo destinado al servicio de comedor) aproximadamente 8 horas.</p> <p>Cuando salen del colegio, tienen derecho a disfrutar de su tiempo de ocio y formación extraescolar.</p>	<p>Después de impartir una jornada escolar llena de conceptos, procedimientos, aprendizajes competenciales y cargada de trabajo.... teniendo en cuenta que, al día siguiente desde las 9 de la mañana se seguirá trabajando con los mismos alumnos....</p> <p>¿Qué añade, qué aporta, el trabajo en casa?</p>	<p>Las familias, tanto padres como hijos, también tienen derecho a tener tiempo libre de ocio fuera del ámbito colegial.</p>	<p>En este momento, alumnos y familias de muchos centros educativos viven "por y para" el colegio durante 9 meses del año (si excluimos las tareas vacacionales).</p> <p>Creemos que la vida no es sólo colegio.</p>
<p>Los alumnos no pueden ni deben ser controlados por lo que hacen fuera del aula.</p> <p>No pueden recibir notas o calificaciones por los trabajos que han hecho (supuestamente ellos solos, o con sus padres, o con profesores particulares o academias) fuera del ámbito escolar.</p>	<p>Las tareas son un trabajo adicional que hay que atender y corregir.</p> <p>Esto interfiere con la programación de aula que hay que desarrollar diariamente.</p>	<p>Los padres tienen derecho a ocupar el tiempo libre propio y de sus hijos en actividades formativas o lúdicas que crean convenientes de acuerdo con sus intereses y los de sus hijos. Sin interferencias.</p>	<p>A todos nos gusta realizar nuestro trabajo dentro de nuestro ámbito y horario de tal modo que el tiempo que quede sea libre, sin horas extras.</p>
<p>Los alumnos tienen derecho a recibir una educación personalizada en la que el control y supervisión del proceso de enseñanza/ aprendizaje, con sus ajustes, dudas y adaptaciones, recaiga sobre el especialista: el docente. No sobre las familias.</p>	<p>La calificación de las tareas realizadas en casa no puede consignarse en los criterios de calificación de una asignatura ni mediar con las notas recogidas en la clase, ya que el profesor no tiene garantía y certeza de que el trabajo ha sido desarrollado por el alumno solo.</p>	<p>Los padres no tienen por qué dominar las metodologías del currículo que se imparte. No tienen por qué dominar los distintos idiomas y asignaturas que estudian sus hijos.</p> <p>Por lo tanto su "ayuda" es distinta en cada familia dependiendo de la formación, cultura e incluso del temperamento, organización y naturaleza de cada familia, resultando injusto e imponderable su intervención en lo académico.</p>	<p>Se genera una ocupación y unas "supuestas obligaciones" que en lugar de fomentar hábitos de vida y de ánimo saludables, provoca una ansiedad y estrés permanente en los individuos.</p>
<p>Los alumnos de toda clase, estrato social y económico tienen derecho a recibir una educación igualitaria con recursos igualitarios.</p> <p>Hoy hay un determinado número de alumnos que no disponen de nivel cultural o económico para tener en casa extensas bibliotecas, ordenadores o conexión a Internet. Las tareas "para casa" las cumplen más y mejor los alumnos favorecidos, creando mayores diferencias formativas entre unos y otros y ampliando la brecha del estrato cultural entre los alumnos en la sociedad.</p>	<p>Es mejor explicar y trabajar lo que corresponde en la programación que estar corrigiendo las tareas realizadas el día anterior y consignando su falta/ cumplimiento.</p> <p>Resulta mucho más formativo para los niños que los profesores trabajen con ellos las competencias generales en los distintos ámbitos ocupándose en profundidad de ellas y →</p>	<p>Muchas familias, lo primero que preguntan al recoger a su hijo es: "¿Qué tal en el colegio hoy? ¿Qué tenemos de tarea para mañana?" No parece una situación muy deseable en una familia.</p>	<p>Todo tipo de actividades formativas, culturales, deportivas y artísticas se ven afectadas por esta ocupación invasora.</p> <p>Difícilmente vamos a conseguir en el futuro una sociedad a la altura de otros países europeos si nuestros hijos apenas pueden dedicarse a la música, la danza, el deporte, la cultura, la creatividad... Hay que tener en cuenta que este tipo de actividades específicas no son ofertadas por los colegios frecuentemente.</p> <p>Muchas de estas actividades requieren unos horarios y esfuerzos que nuestros escolares no pueden abarcar.</p>
		<p>← que los padres puedan trabajar otras competencias de "la vida", como son: relacionarse, cultivar sus aficiones, el tiempo de ocio, tiempo para la cultura y espectáculos, realizar tareas de la vida doméstica familiar, y educar en valores y principios básicos.</p>	

ANÁLISIS SOBRE LA INCIDENCIA DE LA TAREA ESCOLAR EN CASA

ALUMNOS	PROFESORES	FAMILIAS	SOCIEDAD
<p>Los alumnos deben disponer de tiempo para el estudio y repaso de las asignaturas en el colegio; realidad poco frecuente por el tiempo disponible, aunque sería muy conveniente ya que aprender técnicas de estudio con el control de sus profesores y aprender a concentrarse en un ambiente como una clase, o una biblioteca es fundamental para su futuro académico y profesional.</p> <p>Muy pocas carreras y profesiones trabajan con el individuo aislado.</p>	<p>El "control" de las tareas en casa siempre genera conflictos y complicaciones, ya que dentro de la comunidad escolar hay quien no las hace nunca, quien siempre las hace perfectamente, profesores y padres que consideran que se ponen pocas y profesores y padres que opinan que hay demasiadas.</p> <p>La solución pasaría porque fuesen los profesores quienes orientasen y recomendaran (sin obligatoriedad) y que los padres, en plena coordinación con los profesores, los que decidiesen al respecto dentro del ámbito familiar, que es de su potestad y competencia.</p>	<p>Cuando los hijos son más de uno, el problema se multiplica geométricamente, ya que la atención simultánea resulta muy difícil.</p> <p>Padre y madre deben dejar sus ocupaciones domésticas o su momento de ocio para atender las necesidades escolares de sus hijos. (Por no hablar de familias monoparentales o incluso de las desestructuradas).</p>	<p>Todos desarrollamos nuestra actividad profesional / académica dentro de un marco espacio-temporal. Nadie tiene por qué traspasar sus atribuciones y exigir a otros que cubran sus demandas.</p>
<p>También los alumnos deben disponer de tiempo para el estudio y repaso de las asignaturas en casa, en un clima de estudio y concentración fomentando un hábito de trabajo adecuado.</p> <p>Si los alumnos, por el contrario, deben realizar interminables "series de ejercicios" y distintos trabajos de todas las asignaturas, el tiempo de estudio como debe ser (a fondo, realizando esquemas, resúmenes, cuadros) no cabe en la jornada.</p>	<p>Los profesores no tienen por qué extender el desarrollo de la jornada escolar de los niños con aquello que no pueden abarcar por falta de tiempo, por exceso de contenido curricular o por deficiencias en su desarrollo y "pasarles la pelota" a las familias y a los alumnos.</p> <p>Tienen un trabajo que deben desarrollar en un ámbito temporal y físico concreto sin delegar sus problemas competenciales a otros ámbitos.</p>	<p>Sabemos que la frase "los niños deben hacer la tarea solos" es una utopía. Los niños necesitan control, insistencia, supervisión y ayuda.</p>	<p>En bastantes países y comunidades dentro y fuera de España (también en algunos centros educativos puntuales) las tareas están abolidas.</p> <p>Esto genera una libertad y una opcionalidad ante la "oferta de vida" disponible que redundan en beneficio del individuo y de la comunidad.</p>
<p>Los alumnos deben adquirir hábitos de estudio y autonomía personal, pero ¿debe de ser totalmente en casa? Existe un marco para todo.</p> <p>En casa también deben fomentar otras cosas como el trato con su familia, hermanos y amigos, las responsabilidades familiares, etc.</p>		<p>Los padres deben cooperar en las labores educativas del centro, participar en la comunidad educativa y facilitar la labor del profesorado de forma activa, pero no tienen por qué asumir una prolongación de la jornada laboral de los profesores completando su trabajo.</p>	
		<p>El clima que se genera en muchas familias por la exigencia de realizar las tareas —cuando los niños ya están agotados tras una dura jornada escolar— es totalmente perjudicial para la convivencia y armonía familiar, siendo frecuentemente fuente de conflictos y disputas.</p>	

Pamplona Noviembre 2010

(Anexo 2) Reportagem - cresce oposição aos TPC – notícia – RTP

Repórter: As dúvidas são esclarecidas na escola, os exercícios resolvidos e explicados na sala de aula pelo professor. Esta turma do 3º Ano nunca leva trabalhos para casa.

Professor: A escola decidiu criar uma unidade que se chama Estudo Acompanhado, com o objetivo de inculcar estes hábitos de trabalho aos alunos, consolidar matérias, ajudá-los a estudar, ajudá-los a aprender, acima de tudo, a melhor técnica de estudo).

Repórter: um princípio que se aplica a toda a escola, aqui não há TPC's.

Diretora Pedagógica: Fazer trabalhos, resolver exercícios é preciso ser com alguém que conheça essas técnicas, tem de ser com o professor, porque é ao professor que a criança reconhece essa autoridade de ensinar.

Repórter: Esta escola privada em Oeiras é um dos poucos estabelecimentos de ensino com esta regra.

Diretora Pedagógica: Os professores não devem passar trabalhos de casa, para que o tempo que as crianças estão em casa com os pais possa ser de uma qualidade diferente.

Repórter: A sigla TPC é cada vez mais sinónimo de trabalhos postos em causa, a prática generalizada de sobrecarga de horas na escola acumulada com os trabalhos para casa preocupa o instituto de apoio a criança.

Manuel Coutinho: Se as crianças tivessem sindicato não permitiriam cargas horárias brutais que as crianças têm, que depois são ainda sobrecarregadas com os trabalhos para casa que acaba por cansar muito as crianças, as crianças precisam de ter tempo de lazer, as crianças têm o direito de brincar.

Repórter: As associações de pais estão divididas.

Associação de pais: À casa o que é de casa e à escola o que é da escola, se o aluno tem dúvidas e se a família não lhas consegue tirar, ele não está a consolidar coisa nenhuma.

Isabel Gregório: Sou completamente a favor dos trabalhos de casa, os pais pensam: os filhos estão numa escola e agora a escola trata de tudo, eu agora só tenho a parte boa.

Manuel Coutinho: Devia ser criada uma legislação que proibisse de uma vez por todas que os trabalhos de casa fossem passados às crianças.

Repórter: E retirada a obrigação, os efeitos podem surpreender.

Repórter: Em casa fazes muitos exercícios destes?

Aluna: Sim.

Repórter: Fazes? Mas o professor que manda ou fazes porque queres?

Aluna: Sou eu que quero.

Aluna: Também podemos fazer trabalhos nos nossos tempos livres.

Repórter: Gostavas mais de estar a brincar nos tempos livres?

Aluno: Não.

Repórter: E é o professor que manda os trabalhos para casa ou és tu que queres fazer? Sou eu que quero fazer para aproveitar o meu tempo livre.

Aluno: Sou eu que quero fazer para aproveitar o meu tempo livre.

Diretora Pedagógica: Quando são obrigados não querem fazer e quando não são obrigados querem fazer, é normal, vem nos livros.

Repórter: Ao fim do dia e da semana os livros e cadernos ficam na escola, até a porta dos cacifos voltar a abrir as crianças são livres de fazer o que querem com o tempo.

Grelha de observação (professor) de 18 a 22 de fevereiro de 2013 (terça-feira)

Nome dos alunos	Nível de Motivação	Nível de competências - Matemática	Nível de competência - Português	Nível de competência - Estudo do Meio
1	NS	NS	NS	NS
2	E	E	E	E
3	NS	E	E	E
4	E	E	E	E
5	E	E	E	E
6	E	E	E	E
7	NS	E	NS	E
8	E	E	E	E
9	E	E	E	E
10	E	E	E	E
11	NS	E	E	E
12	E	E	E	E
13	E	E	E	E
14	E	E	E	E
15	E	E	E	E
16	E	E	E	E
17	E	E	E	E
18	E	E	E	E
19	E	E	E	E
20	E	E	E	E
21	E	E	E	E
22	E	E	E	E

- Legenda:
 E – bastante satisfatório
 S – Satisfatório
 NS – pouco satisfatório

Grelha de observação (professor) de 18 a 22 de fevereiro de 2013 (quarta-feira)

Nome dos alunos	Nível de Motivação	Nível de competências - Matemática	Nível de competência - Português	Nível de competência - Estudo do Meio
	NS	NS	NS	NS
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	NS	NS	S	S
	S	S	S	S
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	NS	S	NS	S
	S	S	S	S
	S	S	S	S
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	NS	S	E	S
	S	S	S	S
	S	S	S	S
	E	E	E	E
	E	E	E	E
	S	S	S	S

Legenda:
 E – bastante satisfatório
 S – Satisfatório
 NS – pouco satisfatório

Grelha de observação (professor) de 25 de fevereiro a 1 de março de 2013
(quarta-feira)

Nome dos alunos	Nível de Motivação	Nível de competências - Matemática	Nível de competência - Português	Nível de competência - Estudo da Língua
	S	S	S	S
	E	E	E	E
	E	S	S	S
	S	S	S	S
	E	S	S	E
	NS	E	S	NS
	E	S	E	E
	E	S	E	E
	E	S	S	E
	S	S	S	S
	S	S	S	S
	E	S	E	E
	E	E	S	E
	S	E	S	S
	E	E	E	E
	S	S	E	S

Legenda:

E – bastante satisfatório

S – Satisfatório

NS – pouco satisfatório

(Anexo 4) Grelhas de observação

Tabela da semana 1

Nomes	semana 1																				total semana - motivação	NC - Mat	NC-Port	NC - Emeio		
	trabalhos de casa feitos com quem		Motivação					Nível de competência - mat					Nível de competência - port					Nível de competência - Emeio								
			segunda	terça	quarta	quinta	sexta	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	segunda	terça	quarta					quinta	sexta
V.	2	s	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
C.S.	2	a	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
G.	0	s	2	1	2	1	2	2	1	1	2	2	2	1	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
A.	2	s	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
M.L.	0	s	2	1	1	1	2	2	1	1	2	2	2	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
M.R.	2	s	2	2	2	2	2	2	1	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
D.	1	s	0	0	0	0	2	1	2	0	2	2	0	1	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
L.	0	s	1	1	1	1	2	1	1	0	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
GA.	2	s	1	1	2	1	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
G.S.	1	s	1	2	2	2	2	1	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
T.	2	a	1	1	1	1	2	1	1	2	1	0	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
M.S.	2	s	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
P.	0	s	1	0	0	0	2	1	1	2	2	2	0	1	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
I.	1	a	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
J.	1	a	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
R.	2	s	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
M.	2	a	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
C.	1	s	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
D.C.	0	s	2	1	1	1	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

Legenda:

2 - Realizou o trabalho completo

1- Realizou o trabalho incompleto

0- Não realizou o trabalho

s- Sozinho

a – acompanhado

Tabela da semana 2

Nomes	semana 2																				total semana - motivação	NC - Mat	NC-Port	NC - Emelo							
	trabalhos feitos em casa	com quem	Motivação					Nível de competência - mat					Nível de competência - port					Nível de competência - Emelo													
			segunda	terça	quarta	quinta	sexta	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	segunda	terça	quarta	quinta	sexta		segunda	terça					quarta	quinta	sexta				
V.	2	a	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2			
C.S.	2	s	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,75			
G.	2	s	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,8	0,8	1,25	0,75	
Á.	2	s	2	2	1	2	2	2	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,8	1,4	1,75	1,75	
M.L.	0		1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,8	0,75	1,25		
M.R.	2	a	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,8	2	2		
D.	2	a	0	0	0	1	1	0	0	2	1	1	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0,4	0,4	0,25	1	
L.	0		1	1	1	1	2	1	1	1	1	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,2	1	2	2	
GA.	2	s	1	1	2	1	2	1	1	2	2	2	2	1	1	2	1	2	1	2	1	2	2	2	2	2	1,4	1,6	1,25	1,75	
G.S.	2	s	1	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	1	2	1	2	1	2	1	2	2	2	2	2	1,8	1,8	1,5	2	
T.	2	a	1	1	1	1		1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,8	0,8	1	0,75		
M.S.	2	a	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,75	2		
P.	2	s	1	0	1	1	1	2	1	1	1	2	2	1	1	1	1	0	1	1	2	2	2	2	2	1	1,4	0,75	1,5		
I.	2	s	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1,5	1,25		
J.	0		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
R.	2	s	2	2	2	2		2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1,2	1,2	1,5	1,5	
M.	2	a	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
C.	2	a	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	1,8	2	1,5	2		
D.C.	0		1	1	2	1	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	2	0	1	2	2	2	2	2	2	1,2	1,4	1	1,5		

Legenda:

2 - Realizou o trabalho completo

1- Realizou o trabalho incompleto

0- Não realizou o trabalho

s- Sozinho

a – acompanhado

Tabela de cruzamento da semana 1 e da semana 2

Nomes	Média dos trabalhos feitos	Média de motivação	Média de competência - mat	Média de competência - Port	Média de competência - EM
V.	2	2	2	2	2
C.S.	2	2	1,88	2	1,63
G.	1	1,15	1,15	1,38	1,38
A.	2	1,9	1,58	1,75	1,88
M.L.	0	1,13	1,03	0,88	1,38
M.R.	2	2	1,65	1,75	2
D.	1,5	0,2	0,58	0,25	1
L.	0	1,1	0,88	2	2
GA.	2	1,33	1,68	1,5	1,88
G.S.	1,5	1,53	1,4	1,38	2
T.	2	0,9	1,03	0,88	0,88
M.S.	2	2	1,88	1,88	2
P.	1	0,63	1,45	0,5	1,5
I.	1,5	1	1	1,25	1,38
J.	0,5	1	1	1	1,25
R.	2	1,6	1,48	1,75	1,75
M.	2	1,88	2	2	2
C.	1,5	1,78	2	1,75	1,75
D.C.	0	1,23	1,7	1	1,5

(Anexo5) Guião da entrevista

ENTREVISTA

PERGUNTA INICIAL

Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

- f) É o **único tempo necessário** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias.
- g) É o **tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso a realização de atividades escolares fora de aulas é uma possibilidade enriquecedora, mas não necessária.
- h) É o **tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto, a realização de atividades fora de aulas é uma estratégia complementar muito conveniente.
- i) É **um tempo indispensável** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é igualmente indispensável como estratégia complementar.

Se a resposta for “a” passaremos para as perguntas “A”. Se a resposta for “b”, “c” ou “d”, passaremos para as perguntas “B”.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

PERGUNTAS «B»

B.1) O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?				
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?				

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

B.2) Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?				
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?				
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				

b) PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Acrescentaria mais um outro motivo?

B.3) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

- a) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.
- b) Podem ser prescritos pelo **professor titular** de turma ou por **outro professor de apoio**.
- c) Podem ser prescritos pelo **professor titular** de turma ou pelo **professor de apoio** ou por um **adulto da família**.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

B.4) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

- i) A criança **não precisa de qualquer apoio**. Os esclarecimentos das dúvidas e as correções dos trabalhos ficam para a próxima aula com o professor titular.
- j) A criança precisa da proximidade do **professor titular** para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.
- k) A criança precisa da proximidade de um **professor de apoio** (não necessariamente o professor titular) para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.
- l) A criança precisa da proximidade de um **adulto** (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

PERGUNTAS «A»

A.1) O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula não é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são convenientes ou necessárias? (Assinalar uma ou mais opções):

- e) Reforçar o que se aprendeu nas aulas?
- f) Desenvolver a criatividade e o pensamento divergente?
- g) Proporcionar uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?
- h) Por contribuir para ocupar o excessivo tempo livre da criança no final do dia?

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

A.2) Quais são os motivos pelos quais importa que o tempo de aula seja o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas sejam desnecessárias?

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?				
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?				

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

**ÚLTIMA PERGUNTA: Quando é que faria os trabalhos de casa?
Tempo de lazer.**

(Anexo 6) Protocolo da entrevista à Diretora Pedagógica

Antes de se dar início à entrevista no modelo em que foi concedida, a Diretora Pedagógica fez questão de realizar uma breve introdução sobre o tema dos trabalhos de casa, que, por decisão da Diretora, não existe nesta instituição.

A Diretora refere a sua experiência profissional de quarenta anos a lecionar o segundo ciclo do ensino básico e da sua crescente decisão de que os trabalhos de casa não deviam de existir. Justifica a sua escolha dizendo “na minha opinião não devem existir trabalhos para casa porque existe desigualdade de oportunidades”.

Com esta desigualdade de oportunidades a Diretora estava a referir-se ao facto de não terem todas as crianças o “apoio necessário em casa para a realização dos trabalhos”. Refere ainda “ que só faz sentido o professor mandar os trabalhos para casa se este os corrigir individualmente com cada aluno indicando os seus erros e o modo como os deve corrigir”.

A diretora afirmou ainda que os “professores só mandam os trabalhos de casa para os pais conseguirem controlar o que os professores fazem dentro da sala de aula”.

Antes de começar a introduzir as perguntas da entrevista a diretora acrescentou que existem cinco pontos pelos quais é contra os trabalhos para casa:

1.º) “O professor mandar muitas fichas e não são corrigidas na sala de aula”;

2.º) “A falta de tempo que as crianças têm com os pais (o tempo para conversar, passear, cozinhar, etc)”;

3.º) “O stress que os trabalhos de casa fazem aos pais. Os pais têm de trabalhar o dia todo e no fim do dia ainda têm de fazer o jantar, lavar roupa, etc. e no meio ainda têm de ajudar os filhos a realizar os trabalhos de casa”.

4.º) “Os trabalhos de casa têm de ser feitos num ambiente propício à aprendizagem e têm de ter um professor a ajudá-lo (alguém, que saiba ensinar)”.

A diretora acrescentou que os “trabalhos de casa para mim só se justificam se foram feitos e corrigidos e que ninguém intervenha nisso (pais, avós, médicos, engenheiros...) ”, acrescenta que os pais muitas vezes dizem que não conseguem ajudar os filhos na realização dos trabalhos para casa e afirma que “consegue sim senhora. Se lhe poder um ambiente próprio, um lanchinho antes de começarem os trabalhos de casa”.

Referiu ainda, que existem muitas atividades que as crianças podem fazer em casa com os pais como por exemplo contarem uma história, lerem o jornal, ouvirem um notícia e explicarem-na ou a criança ler um livro e explicar o que leu aos pais. Estes são os “trabalhos em casa”. Justifica este trabalhos como sendo “formas de estar em conjunto”.

Acrescenta que “a vida moderna não se compadece com horas e horas a fazer trabalhos de casa para as crianças pois isso só vai criar mais stress ao pai, à criança e a toda a gente. São os pais que conhecem melhor o ambiente de casa e que conseguem melhor dar-lhes tarefas”.

No final desta breve introdução a Diretora diz que esta opinião não é fundamentalista, ou seja, e cinto “Eu não vou dizer que nunca vou dar trabalhos de casa e nunca vou fazer os trabalhos de casa. Eu acho que não se justifica. Porque eu acho que o professor não pode perder tempo a corrigir trabalhos de casa”.

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

Resposta:

- j) É o **único tempo necessário** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

A diretora justifica a sua resposta dizendo que “já chega e por tanto a criança não precisa de mais. Para já se é escola é para ser feito na escola”. Afirma ainda que o horário do professor é de 31 horas e que se o professor precisar de mais tempo pode ir buscar essas horas. Cabe então, ao professor gerir o seu tempo letivo.

Além disso volta a referir que “as 25 horas para mim chegam e sobram. Eu acho que a criança não deve fazer mais nada. Mais nada além das aulas.” Mas “se ficar com o professor eu não sou contra. O estudo acompanhado não é extra a essas horas porque o horário das crianças são 31 horas por semana” se contar com as áreas extra curriculares.

O que não faz sentido para a diretora é “sair da escola e ir fazer outras coisas” escolares.

Finaliza dizendo que para alguns alunos “é preciso mais de 25 horas semanais e para outros não”.

Pergunta A.1): O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula não é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são convenientes ou necessárias? (Assinalar uma ou mais opções).

Resposta:

- d) Por contribuir para ocupar o excessivo tempo livre da criança no final do dia?

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

A Diretora Pedagógica comentou esta pergunta dizendo que “esta opção ficava melhor se se colocasse que no final do dia os pais não sabem o que fazer com as crianças”.

Além disso, acrescentou que a pergunta “está bem estruturada mas acrescentaria que as pessoas pensam nos trabalhos para casa como uma tradição que já vem de muito tarde e as pessoas não conseguem desapegar-se delas”.

Pergunta A.2): Quais são os motivos pelos quais importa que o tempo de aula seja o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas sejam desnecessárias?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				X
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?				X
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?				X
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	X			

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Comentou esta pergunta afirmando que “o professor do primeiro ciclo não pode dividir a sua autoridade com ninguém e por esse motivo só o professor é que pode ensinar e é que pode saber as necessidades de cada aluno”.

“Os trabalhos para casa só vão prejudicar o que a criança pode ganhar fora das aulas”, ou seja, as crianças fora das aulas têm de fazer outras atividades.

(Anexo 7) Protocolo da entrevista ao Professor titular de turma

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

Resposta:

- d) É **um tempo indispensável** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é igualmente indispensável como estratégia complementar.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

Justifica esta resposta dizendo que “a nível de trabalho o tempo que nós temos durante a semana é o suficiente para nós trabalharmos, no entanto, é preciso adquirir automatismos e rotinas de trabalho e como tal o trabalho fora da sala é indispensável para criarem esses automatismos, rotinas e hábitos de trabalho. Também para desenvolverem uma questão de meta-aprendizagem e também para se habituarem progressivamente que o trabalho não é só na escola mas também em casa”.

Acrescenta que é importante ter em conta a vida de cada família. Afirma que “ cada um tem que fazer [os trabalhos] de acordo com a sua vida, de acordo com a sua disponibilidade e não ser uma obrigação mas sim um benefício para aqueles que podem e que querem ir mais além. Porque como sabemos, diariamente nem todas as crianças têm a oportunidade de fazerem todos os trabalhos”.

Pergunta B.1): **O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?**

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?		X		
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?			X	
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?		X		
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	X			

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Justifica estas escolhas dizendo que “as pessoas ultimamente têm tido pensamentos muito opostos”.

O Professor afirma que “uns consideram que o trabalho de casa é fundamental e portanto tem que ser mandado diariamente. Eu aí faço um parenteses para ressalvar que as crianças têm o direito a descansar e a ter algum lazer. Mas concordo em alguma parte com essa afirmação, no entanto discordo porque é importante as crianças como eu disse à pouco desenvolverem hábitos de trabalho e as rotinas portanto eu acho que o segredo e a chave que a escola tem que de perceber é que a chave está no meio-termo e mandando trabalhos de casa diariamente, no meu ponto de vista, é contraproducente, não mandar trabalhos de casa nunca também é contraproducente. Deste modo, vamos arranjar um meio-termo que passa por uma rotina de fim de semana em que as crianças podem gerir o trabalho que têm”.

Com este “meio-termo” o professor diz que “diariamente chegam a casa e têm uma vida normal com os pais, onde prima a relação entre pais e filhos sem trabalhos de casa, sem grande pressa e stress e depois ao fim-de-semana dispensam um pouco de tempo (uma hora ou duas) para refletir sobre aquilo que foi feito durante a semana, claro com a

orientação do professor e sem ter carácter obrigatório para também não penalizar aquelas crianças que por um motivo ou outro não possam fazer um trabalho de casa”.

Conclui esta ideia dizendo que “obviamente que se for a mandar uma ficha todos os dias para casa algumas crianças chegam às oito da noite de facto não vai conseguir fazer ou vai fazer sobre pressão e no dia seguinte não vai render tanto, vai estar saturada e aí sim, acho que é fundamental haver descanso. Agora passar o fim de semana todo a brincar também não me parece benéfico. Não custa nada fazer numa hora uma, duas ou três atividades para consolidar aquilo que foi durante a semana. É este o ponto de vista que eu defendo”.

O professor afirma que no início teve alguma dificuldade em “educar alguns pais nesse sentido porque durante dois anos os pais estavam habituados a ter o fim de semana livre e a fazerem o que quisessem com as crianças. De um momento para o outro têm esta responsabilidades, claro que não é uma obrigação, mas acaba por ser uma mais-valia e os pais acabam o por encarar como isso, mas por outro lado os pais manifestaram uma certa oposição (não todos, 2 ou 3) no sentido de que o fim de semana tinha desaparecido”.

O professor afirma que os pais têm de se organizar “porque de facto pedir uma hora ou duas num fim de semana que pode ter 48 horas não é estar a pedir muito e é uma questão de os pais intenderem a importância do trabalho com as crianças e a participarem ativamente na aprendizagem dos filhos porque eu acho que também é um ponto essencial para o desenvolvimento cognitivo das crianças saberem que os pais que estão ali e estão a par da sua evolução.”

Relativamente ao ambiente o professor afirma que “ambiente sala de aula oferece um ambiente propício ao estudo, e por vezes em casa há mais objetos de distração e isso pode criar uma barreira, no entanto também pode constatar que adoram trabalhar em casa e chegam super-motivadas e quando não têm trabalho por algum motivo durante o fim de semana reflete-se e pedem mais trabalhos de casa portanto isso apenas me faz querer que eles estão motivados e que gostam de trabalhar em

casa”. Acrescenta que “em casa eu também acho que é um ambiente propício, claro que os pais também têm um papel imperativo porque têm de criar esse ambiente, um ambiente de silêncio, calma, sem grande movimento e distrações (uma radio ligada, uma televisão ligada, sem uma crianças aos gritos). Encontrar um ambiente onde a criança se sinta tranquila e dar o apoio necessário. Obviamente que não se pede aos pais que ensinem nada aos filhos mas sim que monitorizem a própria aprendizagem das crianças”.

Em relação ao horário letivo o professor não pensa que seja extenso. “Pode parecer extenso mas acaba por não sê-lo no sentido que eles têm muitos tempos pelo meio de descanso e decompressão têm outras atividades como a música, a expressão plástica, educação física, inglês e a informática. As crianças não se sentem cansadas, obviamente na primeira semana depois das férias nota-se o cansaço mas adaptam-se logo ao ritmo e como o trabalho é bem organizado, bem estudado e bem estipulado eles acabam por aguentar um período inteiro sem grandes dificuldades. Agora pode é ser extenso se houver trabalhos durante a semana. Aí sim já seria um horário extenso. Porque a criança chega a casa às seis, sete ou oito da noite e tem de fazer trabalhos. Mas como não têm trabalhos durante a semana para casa acaba por não ser extenso”.

Pergunta B.2): Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?				X
Será porque desenvolvem a criatividade e o		X		

pensamento divergente?				
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				X

**PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?
Acrescentaria mais um outro motivo?**

O professor justifica estas respostas dizendo que “para já para criar um ambiente onde a criança se dedique se empenha e ganhe responsabilidade e por outro lado porque reforça, acaba por ser um reforço, um suplemento no qual a criança está a treinar está a ter mais um estímulo no sentido de acomodar um conhecimento que se calhar está um pouco mal estruturado e em casa com alguma calma e com algum esforço consegue ter outra visão sobre essa matéria”.

Além disso afirma que a “responsabilidade é um elemento fundamental para quem tem um trabalho para fazer ao fim de semana e eu noto isso nos alunos no sentido em que muitos, pelo discurso dos pais, apercebo-me que são os próprios alunos a pedir ao pai ou à mãe para irem buscar o trabalho ao e-mail. Portanto para imprimir o trabalho e isso para mim é uma revelação de responsabilidade”.

Acrescenta que os trabalhos de casa também estimulam a autonomia “porque a criança tem que estar sentada, os pais têm um papel apenas de monitorizar o trabalho dos filhos portanto os grandes responsáveis são eles, eles é que têm de ser autónomos. O trabalho é feito por eles, claro que no fim têm de ir mostrar aos pais”. Também estimula a autonomia porque estão “num ambiente caseiro sem um professor por perto e têm que sozinhos superar as dificuldades e depois no fim obviamente que os pais têm um papel ativo”.

A autorregulação também é desenvolvida pelos trabalhos para casa porque “eles [os alunos] têm que encontrar a melhor forma ou pelo menos tentar descobrir ou pensar nesse assunto e às vezes pensar no assunto já é bom, como é que eles vão aprender a matéria, como é que eles vão estudar a matéria. Claro que tem de haver um trabalho de sala

de aula que proporcione isto, não é a criança por si só. Mas é de facto uma oportunidade de a criança descobrir qual é a melhor forma para aprender ou pelo menos indo experimentado algumas estratégias diferentes. Nesse sentido a autorregulação também pode ser um elemento importante a ser explorado nos trabalhos”.

Relativamente à criatividade o professor afirma que “objetivo não passa por desenvolver a criatividade”.

No final da pergunta o professor disse que não acrescentaria mais nenhum ponto a esta pergunta pois foi tudo dito. Afirma ainda que “os benefícios para mim são mais do que muitos, os aspetos menos positivos praticamente não existem porque sendo trabalhos só ao fim de semana a criança não fica carregada”.

Acrescenta que os trabalhos feitos em casa o “esforço é dividido por três elementos que é o professor os pais e sobretudo o aluno”.

Pergunta B.3) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

- d) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.
- e) Podem ser prescritos pelo **professor titular** de turma ou por **outro professor de apoio**.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O professor afirma que “o professor titular da turma é o elemento chave porque é aquele que conhece os alunos, é aquele que sabe onde estão as dificuldades, onde estão os aspetos a melhorar”. “No entanto, numa situação do professor titular não estar porque está de férias ou de baixa é fundamental que seja outro professor que esteja dentro do contexto que domine e que conheça a turma a solicitar esses mesmos

trabalhos aí não há problema nenhum não estando o professor titular o professor de apoio será o segundo elemento a recorrer e também terá autonomia e conhecimentos para o fazer. Agora um adulto da família não é a situação ideal. É melhor do que nada mas não é o ideal. O ideal é o professor que conheça os alunos que conheça as dificuldades do aluno a sugerir esse trabalho”.

Pergunta B.4) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

- d) A criança precisa da proximidade de um **adulto** (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O professor comenta a resposta dizendo que “um dos objetivos é a criança desenvolver a autonomia e não se pretende que o elemento da família explique nada ao aluno o que se pretende é que monitorize essa mesma aprendizagem”.

Acrescenta que o professor tem de ter “bom senso” ao “mandar tarefas para que os alunos consigam realizar autonomamente. O professor não deve mandar uma tarefa que os alunos tenham bastante dificuldade em realizar. Isso é uma tarefa que tem de ficar para a semana para ser realizada em contexto sala de aula. Portanto, ao fim de semana as tarefas são apenas para reforçar aquilo que foi feito e aquilo que as crianças conseguem fazer. Portanto o objetivo do fim de semana é automatizar certos conhecimentos e procedimentos não é que o elemento da família explique como se faz para isso, temos o professor e a semana toda”. O professor afirma que “um adulto para dizer o que está bem ou o que está

mal feito isso é fundamental e qualquer um pode fazê-lo porque estamos a falar de trabalhos que são lançados para o e-mail para serem feitos ao fim de semana de matérias que as crianças dominem e não de matérias que as crianças não dominem para também poder complementar aquilo que foi feito durante a semana”.

“Portanto o objetivo é os pais dizerem está bem, não está bem, está aqui um erro ortográfico, falta aqui um ponto, uma vírgula, o objetivo é só esse. E a criança autonomamente e seguindo o processo de autorregulação retificar o erro”.

(Anexo 8) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 1

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

Resposta:

d) É **um tempo indispensável** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é igualmente indispensável como estratégia complementar.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

Justifica esta resposta dizendo que os trabalhos para casa são indispensáveis quando o aluno “trabalha sozinho”. Afirma ainda, que os trabalhos para casa são “fundamentais na matemática e no português porque o aluno só consegue saber se percebeu a matéria quando trabalha sozinho” já o estudo do meio “o que se dá na aula é suficiente”.

O encarregado de educação refere que a alínea “a) É **o único tempo necessário** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias.” e a alínea “b) É **o tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares objetivadas. Por isso a realização de atividades escolares fora de aulas é uma possibilidade enriquecedora, mas não necessária.” Só se justifica “ se tivéssemos dez alunos por sala, ou seja, turmas pequenas”.

Relativamente à estrutura da pergunta afirma que “a pergunta está bem estruturada e compreende-se.”

Pergunta B.1): O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?	X			
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?	X			
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?	X			
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	X			

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Justifica estas escolhas dizendo que as pessoas são “preguiçosas em casa e dá trabalho as crianças fazer os trabalhos para casa” as pessoas estão “agarradas à comodidade por isso é que é mais fácil as crianças não fazerem os trabalhos para casa”.

Mas, afirma que “os trabalhos para casa são feitos nas escola porque as crianças passam muito tempo livre na escola e por isso os trabalhos são feitos nesse tempo”.

Relativamente à extensão do horário letivo o encarregado de educação não pensa que seja muito extenso porque “não são todas as horas a estudar”.

Pergunta B.2): Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?			X	
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?		X		
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				X

**PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?
Acrescentaria mais um outro motivo?**

O encarregado de educação afirma que existem mais motivos e que esses motivos “davam para escrever uma tese completa” mas que o essencial foi abordado no quadro.

Em relação à pergunta afirma que está bem construída.

Pergunta B.3) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

k) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação afirma que “o professor é que sabe qual é a matéria que está a dar nas aulas. Por esta razão só ele é que deve prescrever os trabalhos para casa.

Pergunta B.4) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é

importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

- a) A criança **não precisa de qualquer apoio**. Os esclarecimentos das dúvidas e as correções dos trabalhos ficam para a próxima aula com o professor titular.
- e) A criança precisa da proximidade de um **adulto** (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação afirma que “o aluno tem de realizar trabalhos sozinho para perceber se entendeu a matéria dada pelo professor e para perceber se tem dúvidas para serem esclarecidas pelo professor”. Além disso, “o professor também tem de saber se o aluno entendeu a matéria que foi dada na aula”.

**ÚLTIMA PERGUNTA: Quando é que faria os trabalhos de casa?
Tempo de lazer.**

O encarregado de educação afirma que “não se deve subcarregar os alunos com trabalhos de casa mas também não se deve não mandar, tem-se de encontrar um meio-termo”. Os trabalhos de casa “não prejudicam os tempos de lazer”.

Afirma ainda que os trabalhos de casa “não devem ser mandados todos os dias mas sim em vários momentos como para revisão de um teste ou para completar conhecimentos”. Além disso, afirma que na prescrição dos trabalhos para casa tem-se que “ter em conta a turma, a escola e os fatores económicos”.

(Anexo 9) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 2

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

Resposta:

- d) É **um tempo indispensável** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto a realização de atividades fora de aulas é igualmente indispensável como estratégia complementar.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

O encarregado de educação justifica a resposta com a seguinte frase “ o saber não ocupa lugar”. Afirma ainda que “ Saber gerir o cansaço também é importante. Na minha opinião a criança que chega a casa posterior às sete da tarde não deve ter mais trabalhos”.

Pergunta B.1): O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?			X	
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?			X	
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?	X			
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	X			

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação não comentou a pergunta.

Pergunta B.2): Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?			X	
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?			X	
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				X

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Acrescentaria mais um outro motivo?

O encarregado de educação justifica as suas resposta com uma frase em latim “*Repitie est mater studiorum*”. Com isto quer dizer que as aprendizagens têm de ser muitas vezes repetidas para as crianças as compreenderem e as assimilarem.

Pergunta B.3) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

- 1) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação não comentou a pergunta.

Pergunta B.4) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

- d) A criança precisa da proximidade de um **adulto** (podendo ser um adulto de família e não necessariamente um professor de apoio).

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação não comentou a pergunta.

ÚLTIMA PERGUNTA: Quando é que faria os trabalhos de casa? Tempo de lazer.

Relativamente a esta pergunta o encarregado de educação responde dizendo “ não, de maneira nenhuma. Há que saber organizar o tempo com proveito, e é importante que desde pequenos as crianças saibam priorizar as tarefas/brincadeiras.”

(Anexo 10) Protocolo da entrevista ao Encarregado de Educação 3

Pergunta inicial: Tendo em conta o tempo de aulas legalmente prescrito (*) de 25 horas semanais (por exemplo, entre as 9:00 as 15:15), qual das seguintes alíneas corresponde melhor à sua opinião?

Resposta:

m) **É o tempo suficiente** para que as crianças realizem as aprendizagens escolares. No entanto, a realização de atividades fora de aulas é uma estratégia complementar muito conveniente.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta inicial?

O encarregado de educação afirma que “eles têm o tempo de aulas mas eu acho que os trabalhos de casa servem para eles consolidarem os conhecimentos que vão adquirindo e ao mesmo tempo para os pais também, em casa, poderem ver onde é que eles estão a ter dificuldades e poderem também passar essa mensagem ao professor”.

Relativamente à pergunta o encarregado de educação disse que “a pergunta está clara”.

Pergunta B.1): O que julga que leva às pessoas a pensar que o tempo de aula é o único tempo necessário para as aprendizagens escolares das crianças e que as atividades escolares fora de aulas são desnecessárias?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será pela preocupação por não prejudicar o tempo de lazer das crianças?				X
Será por não querer prejudicar o tempo de lazer dos pais com as crianças?		X		
Será por julgar que apenas o tempo de aula oferece o ambiente onde as crianças estão mais predispostas a aprender?	X			
Será por julgar que o horário letivo (das 9h00 às 15h15) é já muito extenso para a idade das crianças?	X			

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação não comentou a pergunta.

Pergunta B.2): Quais motivos fazem pensar que as atividades escolares realizadas fora do tempo de aulas são enriquecedoras/ convenientes/ indispensáveis?

Resposta:

Assinalar em cada alínea a resposta que corresponda melhor à sua opinião	Não creio	Um pouco sim	Sim	Sobre tudo por isso
Será porque reforçam o que se aprendeu nas aulas?			X	
Será porque desenvolvem a criatividade e o pensamento divergente?			X	
Será porque proporcionam uma oportunidade de desenvolvimento da autonomia, de responsabilização e de autorregulação do comportamento?				X

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?
Acrescentaria mais um outro motivo?

O encarregado de educação justifica a resposta afirmando que os trabalhos para casa “ajudou a criar autonomia, no caso do F. Ajuda-os a ficar um bocadinho mais independentes, pensarem por eles e não recorrerem ao professor. Porque eles em casa sabem que os pais os podem orientar mas que não os podem ajudar. Vêm já com essa regra da escola. Portanto em penso que sim”.

Afirma ainda que não acrescentaria mais nenhum ponto.

Pergunta B.3) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

a) Devem ser prescritos unicamente pelo **professor titular de turma**.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

Justifica a resposta dizendo que “o professor titular da turma é quem está com eles [alunos] o tempo todo. Se for um professor de apoio que está com eles uma ou duas vezes por semana acaba por não estar tão dentro e não saber as necessidades da turma. Os pais devem tomar decisão de uma atividade mas extra curricular enriquecedora ou de desporto e não a ver propriamente com a matéria e com a escola”.

Pergunta B.4) Para garantir o carácter enriquecedor/ conveniente/ indispensável das atividades escolares fora do tempo de aulas é importante que as crianças realizem as atividades de forma autónoma. Nesse sentido, qual das seguintes opções lhe parece mais acertada?

Resposta:

b) A criança precisa da proximidade do **professor titular** para esclarecer dúvidas e corrigir os trabalhos.

PERGUNTA PLUS: Que comentário lhe merece esta pergunta?

O encarregado de educação diz que o professor titular de turma “é quem está mais próximo da criança. O professor titular é a pessoa mais competente para corrigir os trabalhos”.

**ÚLTIMA PERGUNTA: Quando é que fazia os trabalhos de casa?
Tempo de lazer.**

O encarregado de educação afirma que os trabalhos de casa não prejudicaram as rotinas do fim-de-semana. Refere ainda que “se o tempo for bem gerido, se as coisas forem bem divididas, no caso do F. sai sexta-feira cedo, sai as 15:30. O professor manda os trabalhos relativamente cedo, à quinta-feira à noite já temos os trabalhos no e-mail. Se os pais souberem coordenar isso tudo eu penso que eles têm tempo para brincar, têm metade da tarde, a noite de sexta e têm o sábado e o domingo. Não tem alterado nada as rotinas do F”.